

GABRIEL CABEDA EGGER MOELLWALD

ENQUANTO ISSO NO SUDÃO

Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório para obtenção de grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. José Augusto Costa Avancini

Porto Alegre
2011

Ao Kueth, camarada de infância que inspirou esse trabalho

AGRADECIMENTOS

À família a qual tenho a sorte de pertencer.

Àqueles amigos da infância remota, que me ajudaram a perceber, desde cedo, o quanto devemos aceitar e abraçar as diferenças

Aos colegas de curso, com certeza a melhor parte da experiência acadêmica, que tornaram mais fácil e divertida essa trajetória

Ao querido “tio” e orientador José Augusto Avancini

RESUMO

O objetivo desse trabalho é traçar a trajetória de vida de Kueth Duany, de como a guerra o expulsou de sua casa no sul do Sudão ainda garoto, de como cresceu como exilado em um bolsão multiétnico nos Estados Unidos, de como se tornou ídolo do basquete e do que pensa sobre o futuro da recém-fundada República do Sudão do Sul. Para tanto, o autor buscou contar, entremeado à experiência de Kueth como exilado, um pouco sobre os acontecimentos políticos que provocaram a guerra que o separou do seu lar no Sudão, fazendo reflexões acerca de temas como guerra, imperialismo, exílio e identidade.

Palavras chave: Sudão do Sul, guerra, imperialismo, exílio

ABSTRACT

This work attempts to tell the life story of southern-sudanese native Kueth Duany, of how the war expelled him from home when he was still a child, of how he grew up as a refugee in a multi-ethnic building in the United States, of how he became a basketball star and of what he thinks of the future of the recently-founded Republic of South Sudan. To do so, the author sought to tell, interweaved with Kueth's experience as a refugee in the USA, a little bit about the political events that caused the war that separated him from his home in Sudan. To better comprehend Kueth's experience and that of his people, the author also sought to reflect on subjects such as war, imperialism, exile and identity.

Keywords: South Sudan, war, imperialism, exile

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 – IMPÉRIO, GUERRA E EXÍLIO	10
2 – COMO SEIS MESES NA SOLITÁRIA GERARAM UM MINISTRO DAS FINANÇAS	18
3 – REDEMOINHOS DE AREIA E FUGAS ARRISCADAS	24
4 – OUTONO NO MEIO-OESTE E JOGANDO BASQUETE NAS QUADRAS DO COLÉGIO	27
5 – UMA BREVE PASSAGEM PELA HISTÓRIA MODERNA DO SUDÃO, COM FOCO PARA AS RELAÇÕES NORTE-SUL	31
REFERÊNCIAS	35
MAPAS E FOTOGRAFIAS	37
CRONOLOGIA	55
ANEXOS	57

INTRODUÇÃO

A história contada nesse estudo e suas conseqüentes análises tiveram como inspiração um ideal específico do trabalho do historiador. Parte-se do princípio de que, mais do que esmiuçar seu objeto de estudo, através de uma metodologia bem estabelecida, o historiador precisa ser um bom “contador” das histórias, utilizando-se de recursos estéticos muitas vezes renegados no tradicional texto acadêmico. O plano não é renunciar a esse caráter dito científico envolvido no trabalho do historiador, nem abrir mão de um referencial teórico sólido, mas equilibrar a “ciência” com a “arte” do texto literário – ao menos proporcionando ao autor a oportunidade de desenvolver uma escrita mais solta. Não se trata de romancear a história, nem de escrevê-la sem o suporte de fontes, mas de utilizar a forma literária com o intuito de proporcionar ao leitor uma leitura mais fluida.

Também cabe ao historiador tornar profundas as análises que tão rasas circulam pelo senso comum; cabe a ele questionar os “fatos”, a ponto de tornar quaisquer julgamentos acerca deles logicamente bem fundados. E no momento em que a história se apresenta, com toda a sua intimidade, como nas palavras de um refugiado de guerra por mais de vinte anos separado da terra natal, cabe ao historiador vincular as experiências pessoais desse personagem ao grande estudo político da guerra que o expulsou de casa, tornando a história daquela guerra específica viva e palpável, e mostrando que seus reflexos foram os mais diversos. Reflexos que, muitas vezes, não se visibilizam na palavra da historiografia oficial.

O foco principal deste trabalho é contar a história de uma pessoa específica e sua específica passagem pelo tempo-espaço. Trata-se da história de Kueth Duany, de como, aos quatro anos, saiu de sua terra natal no Sudão por causa da guerra, de como cresceu como exilado em um bolsão multiétnico nos Estados Unidos, dos problemas de identidade na infância e de como se tornou um ídolo do basquete e do que pensa sobre o futuro de seu recém-fundado país, República do Sudão do Sul. Entender o percurso de Kueth¹ demanda *a priori* a associação desse sujeito às peculiaridades de seu tempo. As ações e pensamentos que comprimem a existência do indivíduo e sua participação ativa no mundo são indissociáveis desse mundo que o molda, seja através da cultura herdada ou das experiências vividas na pele – das relações, traumas, influências.

¹ Por tratar-se da história de um amigo de infância, mesmo que se tenha passado muito tempo desde o último contato ao vivo do autor com o sujeito, Kueth Duany será mencionado na maioria dos casos apenas pelo familiar primeiro nome, Kueth.

O trabalho foi desenvolvido a partir das respostas de Kueth a um questionário de oito questões, enviadas via e-mail. Além de agradecer o autor com respostas densas e muito bem-escritas, Kueth gentilmente enviou um ensaio que escrevera para um livro sobre a relação entre pais e filhos. Ele mesmo diz que “creio ser suficiente para entender de onde vim e o que me fez o homem que sou hoje”.

Também é interessante lembrar ao leitor que muitas citações utilizadas foram traduzidas pelo autor do inglês para o português, devido à falta de traduções prévias, ou pelo fato destas serem de muito difícil acesso. Devido à forte influência dos ingleses, uma grande variedade de estudos sobre a História do Sudão encontra-se em inglês. Crê o autor que a tradução de algumas obras mais essenciais deveria ser de profundo interesse do mundo editorial, o que, infelizmente, não parece ser o caso. Algumas passagens podem parecer um tanto rasas, o que se deve um pouco ao escasso período de tempo disponível para aprofundar temas tão densos. Espera-se pelo menos que a leitura seja leve e agradável, apesar de às vezes envolver temas de extrema tristeza. As fontes bibliográficas, históricas, teóricas e conceituais, desse estudo estão entrelaçadas, na medida do possível, ao tecido do texto narrativo que o autor faz do depoimento de Kueth. Sua palavra produz o eco necessário para que se possa clarificar ao leitor esse espaço ainda bastante desconhecido, distante e “estranho”.

Assim, para ilustrar essa necessária dialética entre o indivíduo e o mundo, a história aqui contada focar-se-á em dois aspectos. Primeiro, e como fio da narrativa, será contada a peculiar história de Kueth Duany. Sua visão de mundo é a de um indivíduo marcado por uma guerra cujas circunstâncias fizeram mudar bruscamente a vida de sua família. É também uma visão marcada por um sentimento de pertencimento ao país que acolheu sua família; um certo orgulho da dupla-nacionalidade. As causas políticas e o desenrolar dos acontecimentos no palco mundial não eram necessariamente tão importantes no olhar daquela criança, que repentinamente viu-se obrigada a enfrentar as estranhezas de outro lugar².

O segundo aspecto a ser tratado no trabalho, justamente com o intuito de aliar uma visão histórica conjectural às causas que motivaram o exílio da família Duany – e, portanto, a história de vida de Kueth – diz respeito à história moderna do Sudão. Será feita uma análise paralela dos acontecimentos políticos no Sudão, de como as guerras foram consequência de diversas políticas agressivas na região sul do Sudão – lar ancestral da família Duany – até o surgimento da República do Sudão do Sul.

² Aqui também se concentra um pouco o trabalho do historiador, descobrir as questões por trás das questões; de sempre manter o olhar crítico sobre todos – não apenas ambos – lados de uma guerra, das relações entre países ou governos, das motivações político-econômicas por trás de determinado conflito, das causas das causas das causas da incessante narrativa histórica.

Nossa história começa na terra dos Nuer, lar de um povo obstinado e da avó de Kueth, cuja lembrança ele ainda guarda como a mais remota. Portanto, entrelaçado à história de Kueth Duany nos Estados Unidos, será contado com mais minúcia o que acontecia no Sudão e, quando o caso, no mundo. O objetivo do uso desse recurso é simplesmente dar ao leitor um pouco da “História” para enriquecer a narrativa da “história”.

História essa que proporciona reviravoltas das mais inverossímeis, e, também devido à sua imprevisibilidade e complexidade, parece em muito guiada pelo caos, por relações causais cujo poder é tão imprevisível que faz um pensar que a borboleta realmente pode causar o tufão no outro lado do mundo. A história é feita de relações; porém reconhecê-las requer o distanciamento do olhar perspectivo. Uma guerra civil genocida, como as que ocorreram no Sudão na segunda metade do século XX, é capaz de deslocar mais de quatro milhões de pessoas de seu país natal³, além de matar, aleijar e traumatizar outras tantas. Mais uma afirmação que remete à brutalidade e violência da guerra, tão ativa hoje quanto em tempos medievos, porém, obviamente, com outras características.

³ Conforme Gabriel Bonis, “o deslocamento forçado de pessoas no mundo atingiu um número recorde em 2011: De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, 43,7 milhões de indivíduos foram obrigados a se deslocar contra a vontade”. (2011, p. 40).

1. IMPÉRIO, GUERRA E EXÍLIO

Michael Hardt e Antonio Negri, na sua essencial dupla de livros *Império* e *Multidão*, descrevem bem o atual estado de guerra no planeta. De acordo com os autores, vivemos um declínio da autoridade soberana dos Estados-nação enquanto “começa a se manifestar, em sentido inverso, uma nova forma supranacional de soberania, um Império global”. (2005, p. 21). Por isso, em suas palavras, “a guerra transforma-se num fenômeno geral, global e interminável”. (Id. Ibid. Op. Cit.). Começam a desenvolver sua tese, com a seguinte conceituação:

Inúmeros conflitos armados manifestam-se hoje através do planeta, alguns breves e limitados a um lugar específico, outros prolongados e expansivos. Talvez esses conflitos não devessem ser encarados como casos de guerra, e sim de *guerra civil*. Enquanto a guerra, como tradicionalmente entendida pelo direito internacional, é um conflito armado entre entidades políticas soberanas, a guerra civil é o conflito armado entre combatentes soberanos e/ou não soberanos, *dentro de um mesmo território*. Essa guerra civil já não seria entendida agora no contexto de um espaço nacional, pois deixou de ser esta a unidade efetiva da soberania, mas no ambiente global. [...] Desta perspectiva, todos os atuais conflitos armados do planeta [...] devem ser entendidos como guerras civis imperiais, mesmo quando se verifica o envolvimento de Estados. [...] Cada guerra local não deve ser encarada isoladamente, e sim como parte de uma grande constelação, ligada em graus variados tanto a outras zonas de guerra quanto a áreas que atualmente não se encontram em guerra. (HARDT; NEGRI, 2005, p. 22).

As guerras civis do Sudão são exemplares de um prolongado conflito regional, com o forte envolvimento de outros Estados, de grupos soberanos e não soberanos; uma entre tantas na constelação da guerra constante. Hardt e Negri (2005) dedicam todo o primeiro capítulo de *Multidão* para tratar da guerra nos dias de hoje. Essa guerra que mata e desloca. Deslocamento que causa tanta dor, mas, como a borboleta que bate as asas na Austrália, também é capaz de gerar uma ampla nova rede de conexões entre pessoas que não teriam relação nenhuma não fosse pela guerra genocida. Desde o tempo em que degredados europeus eram enviados ao “novo mundo”, e até muito antes, esse constante deslocamento teve como consequência mudanças, assimilações e sincretismos de culturas. É claro que esse “embate” de culturas não é necessariamente garantia de boas notícias, e a violência pela intolerância continua firme e forte, como constatam os jornais em qualquer lugar.

Essa visão otimista do contato de culturas pode parecer pouco preocupada com o fato da grande maioria dos refugiados, não bem-vindos em terras estrangeiras, acabar por viver à

deriva em terra firme⁴, esperando as ondas da guerra passarem para voltar pra casa. E também não devem ser ignorados os problemas estruturais causados pelo influxo súbito de pessoas em outros territórios. Porém, aqueles que acham um lugar em outro país e precisam se adequar a outra cultura tendem a causar um efeito conscientizador naqueles ao seu redor. A empatia gerada pelo compartilhamento de um espaço comum na comunidade gera uma legítima preocupação por alguém cuja cultura/importância era antes desconhecida ou desprezada. E se, porventura, o leitor, na sua devida distância do tema, insistir em questionar a importância de se estudar uma história de Sudão e sul-sudaneses, pode-se responder sem titubear que o Sudão é um país exemplar dos conflitos e da guerra constante no planeta dos anos 1950 para cá, e que um território com tantos problemas pode ser considerado um elemento chave para a compreensão da história contemporânea. É assistindo à história do Sudão que percebemos, em toda sua atualidade e crueza, a manifestação das políticas por séculos perpetradas pelos “donos no mundo”.

Pode-se citar mais um trecho da introdução de *Multidão*, quando os autores falam sobre as duas facetas da globalização. Pensemos aqui o deslocamento de pessoas também como um fenômeno “globalizador”.

Pode-se dizer, simplificando muito, que a globalização tem duas faces. Numa delas, o Império dissemina em caráter global sua rede de hierarquias e divisões que mantém a ordem através de novos mecanismos de controle e permanente conflito. A globalização, contudo, também é a criação de novos circuitos de cooperação e colaboração que se alargam pelas nações e os continentes, facultando uma quantidade infinita de encontros. Esta segunda face da globalização não quer dizer que todos no mundo se tornem iguais; o que ela proporciona é a possibilidade de que, mesmo nos mantendo diferentes, descubramos os pontos comuns que permitam que nos comuniquemos uns com os outros para que possamos agir conjuntamente. (HARDT; NEGRI, 2005, p. 12).

Esse trabalho é fruto de um desses encontros causados pelo deslocamento e pelo exílio. No caso, da amizade de infância de duas crianças vindas de diferentes lugares do mundo e que viriam a compartilhar o mesmo prédio no estrangeiro, no período do final de 1986 a fevereiro de 1991. Por mais que as causas do exílio do autor, filho de acadêmicos fazendo seus estudos no exterior, e do sujeito, cuja família obrigou-se a se deslocar por causa da guerra e perseguição política no seu país, sejam diferentes, esses motivos não diziam

⁴ Sobre a história e vida de um grupo específico de refugiados de guerra, os chamados “garotos perdidos do Sudão”, vale assistir *God Grew Tired of Us*, de 2006, dirigido por Christopher Dillon Quinn. Além de mostrar alguns detalhes da vida num campo de refugiados, o filme oferece belos *insights* sobre conflitos culturais e sobre solidão na cultura ocidental. Mais adiante, veremos a participação dos “garotos perdidos” na vida de Kueth, e como eles o ajudaram a “voltar” para casa antes de realmente voltar pra casa.

respeito ao mundo infantil daquelas crianças de sete anos de idade. O prédio compartilhado era chamado *Tulip Tree*, designado para a moradia de estudantes de pós-graduação na Universidade de Indiana, em Bloomington. Havia moradores das mais diversas nacionalidades. Dentre eles estava a família Duany, cujos filhos Duany, Nyagon, Kueth, Nok, e Bil, em ordem de idade, faziam parte das brincadeiras de infância, principalmente nas quadras de basquete. No prédio, havia, além da “família de brasileiros” e da família de sudaneses, coreanos, mexicanos, paquistaneses, iugoslavos, porto-riquenhos, americanos, negros, brancos, hispânicos e orientais. Uma verdadeira torre de Babel tentando sintonizar língua e costumes na rica experiência da diferença. Éramos de diferentes culturas, mas vivíamos ali e compartilhávamos os símbolos que os ianques nos apresentavam⁵.

Essa “dupla identidade” que surge da migração e contato com outra cultura é tema de muitos estudos. O exílio já foi abordado por diversos especialistas renomados, dentre eles Edward Said, famoso pelo seu *Orientalismo* (2007). Said distingue exilado, refugiado, expatriado e emigrado:

o exílio tem origem na velha prática do banimento, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro. Por outro lado, os refugiados são uma criação do Estado do século XX. A palavra ‘refugiado’ tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnorreada que precisa de ajuda internacional urgente, ao passo que o termo ‘exilado’ [...] traz consigo um toque de solidão e espiritualidade. (SAID, 2003, p. 54).

Portanto, surge a pergunta: em qual desses termos é possível caracterizar a família Duany, deslocada de seu país pela guerra, porém pertencente a uma elite que não pode ser incluída nos “grandes rebanhos de gente inocente e desnorreada”? É certo que, pelo motivo da involuntariedade de seu deslocamento, tampouco a família Duany pode ser considerada uma família de “emigrados”. Ainda nas palavras de Said, “Os emigrados gozam de uma situação ambígua, [podendo] sentir a mesma solidão e alienação do exilado” (Id. Ibid. Op. Cit.), mas sua condição deve-se no fundo a uma escolha, o que é o caso da família do autor, mas não o caso dos Duany. Portanto, trata-se de um caso um tanto distinto, o de refugiados da elite, que acabam por tornar-se a diáspora intelectual. Aqui cabe ressaltar o importante papel desses intelectuais nas guerras de independência de inúmeros países africanos do jugo colonialista.

⁵ Era a época do surgimento de Michael Jordan como ícone do basquete mundial, o que gerou o interesse dos jovens moradores do *Tulip Tree*. O esporte seria um agente agregador para a família Duany. Todos os filhos, sem exceção, jogaram basquete em universidades norte-americanas, tendo seus estudos pagos graças a bolsas para atletas. De acordo com Kueth, trata-se, até hoje, do único caso em que cinco irmãos se graduaram em universidades americanas todos com bolsas de jogadores de basquete.

“Quando pensamos na cultura [...] estamos fadados a ser formados – moral, estética, política e religiosamente – pela gama de vidas que conhecemos”. (APPIAH, 1997, p. 13). Essa frase, do filósofo da cultura Kwame Anthony Appiah, reflete bem o olhar do exilado, que pela brusca necessidade de se adaptar a uma cultura distinta da sua, molda-se diferente⁶ pelo contato com os outros ao seu redor. O próprio Appiah cresceu em Gana e emigrou para a Inglaterra, tendo sua vida profundamente marcada pela experiência do deslocamento.

Em *Na Casa de Meu Pai*, discutivelmente a maior contribuição de Appiah para os estudos culturais da África, o autor se debruça sobre temas como a “invenção da África”, os ideais pan-africanistas, nacionalismo pós-colonial, identidade, etc. Logo no prefácio coloca na mesa sua posição política ao escrever:

quando afirmo que a descolonização ideológica está destinada a fracassar, se negligenciar a ‘tradição’ endógena ou as ideias ‘ocidentais’ exógenas, e que muitos intelectuais africanos (e afro-americanos) não conseguiram encontrar um meio-termo negociável, estou falando de amigos e vizinhos, e falo de como *nós* devemos lidar com *nossa* situação comum. (APPIAH, 1997, p. 13).

Nas próprias palavras de Kueth, “enquanto criança, o processo de assimilação ocorre de forma muito fácil”. Diz ele que, “assim que aprendemos a língua e antes de percebermos, nos tornamos ‘americanizados’. Isto, para nós, queria dizer que havíamos basicamente adotado o estilo de vida, vernáculo, atitude e jeitos daqueles que haviam nascido e sido criados nos Estados Unidos”. Porém, ele não deixa de repetir que, apesar de “termos crescido em uma típica cidade norte-americana, agiríamos tipicamente como americanos e falarmos o ‘Inglês do Meio-Oeste’, nunca deixamos de esquecer de onde vínhamos e quais nossas responsabilidades com nosso lar materno”. Postura oriunda da insistência dos pais em manter vivo esse elo, e também do constante olhar de estranhamento dos que o cercavam na nova terra.

Mesmo que para a criança que se vê deslocada, “americanizada”, não seja possível enxergar o nexos entre sua condição individual e a guerra que causou esse exílio, sempre lhe era lembrado quais as responsabilidades com o lar materno, e não tardaria para os filhos começarem a fazer perguntas. Enquanto crescia, Kueth tornava-se mais consciente da História de seu país, muito também porque seus pais atuavam decisivamente no palco político no qual a guerra se desenrolava. Para intuito da análise aqui apresentada, acredita-se essencial estudar o caráter da guerra e seus antecedentes para melhor compreender a história do exilado desta

⁶ Cria-se uma nova pessoa, por assim dizer, carregada agora da multiplicidade de suas relações.

guerra. No caso das guerras civis pós-independência dos países africanos, há de se estudar os fatores que acabariam por influenciar a formação dos estados modernos africanos, dentre eles o Sudão.

Para tanto, é imprescindível uma análise, meso que breve, sobre o imperialismo europeu, principalmente na sua vertente africana. A luta entre nações européias (autodenominados “impérios”) pela supremacia política e econômica em regiões ao redor do mundo é bastante conhecida e um tema tratado em suas diversas matizes por estudiosos como Hobsbawm (1998), Hobson (1902), Gallagher e Robinson (1945), entre outros; além, é claro, de Hardt e Negri (2004, 2005), que iriam transcender a análise para o mundo pós-colonial. E.J Hobsbawm trata do assunto em seu seminal *A Era do Império* (1988). O economista inglês John A. Hobson foi um ferrenho crítico do imperialismo durante toda sua vida. Teria sua obra posteriormente criticada por Gallagher e Robinson (1945) por enfatizar demais o papel do império formal, sem levar em consideração o poder comercial e a influência política do imperialismo informal. Barbara Bush (2006)⁷ também se debruçou sobre o tema. Cabe também uma pequena observação quanto aos termos “imperialismo” e “colonialismo”. O historiador e crítico cultural Robert Young (1995) sugere que “imperialismo” seja o conceito e “colonialismo” a prática. É através de um império que o colonialismo é estabelecido e o capitalismo se expande, sendo que as práticas do capitalismo naturalmente reforçam o império.

Resolvido, pelo menos bem basicamente, o problema conceitual, voltemos aos argumentos centrais. Apesar de óbvia, é merecida a constatação de que as práticas imperialistas européias do século XIX foram responsáveis por uma série de arranjos e desarranjos que tem reflexo até hoje nos conflitos que pipocam no continente africano⁸. Hardt e Negri vão mais além, ao falarem que “a crise da modernidade tem desde o início uma relação íntima com a subordinação racial e a colonização”. (2004, p. 131). As práticas colonialistas, fundadas na ideia da superioridade européia, moldaram o mapa mundial como o conhecemos hoje e se constituem na raiz das atuais guerras civis africanas, incluindo as do Sudão. Sobre o discurso ideológico por trás das práticas colonialistas, ainda de acordo com Hardt e Negri, ele baseia-se na criação e reprodução da noção de “pureza do povo”. Conforme os autores, “o colonialismo constrói figuras de alteridade e administra seus fluxos naquilo que

⁷ Para um provável alívio do leitor, não se trata aqui da ex-primeira dama norte-americana, mas, sim, da historiadora homônima

⁸ Apesar de grande parte ter sido fruto de negociações, algumas independências dos países africanos foram fruto de guerras e em grande parte resultaram em guerras civis, mas guerras entre as novas nações também ocorreram em certa abundância. Vide as guerras do Congo, que envolveram diversos países vizinhos.

se desdobra como complexa estrutura dialética. A construção negativa de outros não europeus é, finalmente, o que funda e sustenta a própria identidade europeia”. (Id. Ibid., p. 141). Essa invenção de um “outro” em contraposição à cultura dominante, neste caso, “o primitivo africano” versus “o civilizado europeu”, foi tema de estudo aprofundado de Tzvetan Todorov⁹, entre outros. Entender como se processa essa dicotomia ou antagonismo cultural não é parte essencial do estudo aqui proposto, porém a constatação da sua existência serve para compreender as raízes das guerras que resultariam no deslocamento de milhões de pessoas, esse sim um assunto primordial para nós.

Portanto, apoiado pelos alicerces de um etnocentrismo ideológico e de um capitalismo competitivo, os Estados europeus aventuraram-se com todas as suas forças para manter e propagar suas “participações” ao redor do globo. Travaram batalhas entre si¹⁰, até que o sistema caiu de vez, aos escombros da Segunda Guerra Mundial. O fim da era dos impérios foi seguido de uma onda de independências ao redor do mundo. O império britânico seria um dos primeiros a se desintegrar. Com as profundas dívidas externas contraídas por causa da reconstrução pós-guerra, a Inglaterra seria incapaz de manter seu domínio sobre vários países, dentre eles o Sudão, que seria reconhecido como país independente em pomposa cerimônia em 1956.

A história do Sudão independente, pós-domínio egípcio-britânico, já começa em crise. No decorrer dos processos que levariam à sua independência, os sudaneses sentiriam o baque da guerra civil. Os ingleses deixaram o país com uma boa estrutura civil e militar, mas com visível favorecimento do norte, o sul sendo em muito negligenciado. Em agosto de 1955, reinava no país uma inquietude visível. Um evento específico desencadearia o conflito norte-sul: após uma tropa de soldados do sul se negar a responder às ordens de um oficial do norte, um deles foi alvejado no braço, causando imediatamente um motim. A tropa de soldados do sul pegou em armas e matou diversos soldados do norte, avançando e ainda matando civis, até serem presos. (O’BALLANCE, 1977).

A guerra levaria quase vinte anos para acabar, tendo causado a morte de mais de quinhentas mil pessoas. Porém, ainda no começo dos conflitos, seriam realizados vários golpes de Estado, mostrando a fragilidade das instituições no novo país. Enquanto a capital

⁹ Em *Nós e os Outros*, Todorov (1993) dialoga com vários dos mais conhecidos pensadores franceses para refletir sobre a diversidade humana. Apesar de estar preocupada com questões mais amplas, sua obra fornece recursos para o estudo específico das relações entre europeus e africanos durante a “era dos impérios”.

¹⁰ A Primeira Grande Guerra foi fruto não só do assassinato de Franz Ferdinand do Império Austro-Húngaro, que acabou por desencadear as campanhas militares, mas principalmente por divergências nas políticas imperialistas dos impérios alemão, russo, inglês, francês, otomano, entre outros.

Cartum vivia sua época de ouro nos anos 60 e 70¹¹, graças ao influxo de capital após a abertura de mercados e devido à liberdade de cultura e expressão religiosa na cidade, o resto do país vivia em extrema pobreza. Formava-se ao redor da cidade um cinturão de favelas habitadas principalmente por sul-sudaneses, em condições precárias de sobrevivência. Somente em 1963, seria formada uma união militar de resistência sulina, liderada por Joseph Lagu, e com a participação de Michael Wal Duany, pai de Kueth. Porém, apenas em 1967, após a guerra árabe-israelense, a resistência começa a ser considerada com mais seriedade pelo governo central, após Lagu “assumir controle [...] ao solicitar armas de Israel” (COLLINS, 2008, p. 103). Essa “presença” israelense se mostraria fundamental e após 17 anos de lutas, a guerra chegaria ao fim, com a assinatura do Tratado de Adis Abeba¹².

Mas a paz reinaria por pouco tempo. Uma década depois da assinatura do tratado, que concedia ao sul certa autonomia administrativa e religiosa e participação no governo central, a guerra voltaria com tudo. Em 1983, o presidente Gaafar Nimeiry declara a lei islâmica em todo o território sudanês, ignorando a óbvia repercussão negativa no sul. Questionam-se quais os motivos para tal atitude, porém o que se sabe é que ela causou imediatamente o início de outra guerra civil. Em maio de 1983, antes mesmo da entrada em vigor da lei islâmica¹³, soldados do sul já se amotinavam, devido às constantes quebras do tratado de paz pelo norte. Enquanto no sul formava-se o SPLA, o Exército Popular de Libertação do Sudão, sob comando de John Garang, o norte começava a atacar vilas Dinka e Nuir na fronteira. É nesse contexto que a família Duany exila-se nos Estados Unidos. A guerra continuaria, com casualidades de ambos os lados, até que em 1985 assume o presidente Sadiq Al-Mahdi e começam as negociações de paz, o sul representado pelo SPLA. Porém, em 1989, às vésperas de um acordo de paz, Omar Al-Bashir assume o poder através de um golpe de estado.

A guerra seguiria firme, com divergências internas na resistência sulina. Em 1999, o SPLA divide-se em dois grupos definidos por suas linhagens tribais. Começava um conflito dentro do conflito, entre os Dinka representados por Garang e os Nuer liderados por Riek Machar e Lam Akol, grupo ao qual também fazia parte Michael Wal Duany. (McEVOY; LeBRUN, 2010). Ambos os grupos perpetrariam massacres no decorrer do conflito, que só seria resolvido após muitas rodadas de negociação entre os Nuer e os Dinka, na Conferência de Paz de Wunlit.

¹¹ Sendo inclusive apelidada de Paris da África ou Beirute da África.

¹² Assinado na capital etíope sob os auspícios de sua majestade Haile Selassie.

¹³ A *sharia* seria imposta em setembro de 1983, chamada de “lei de setembro”, e considerada o gatilho da guerra.

Em 2003, começaram as conversas para um tratado compreensivo de paz, que seria concretizado no Quênia em 2005. Os representantes do Sudão do Sul passaram a ser os líderes do SPLA, representados principalmente pela figura de John Garang, que morreria tragicamente em uma queda de helicóptero apenas meses após o tratado de paz. Após sua morte, outra figura de destaque, pelas suas proezas militares, Salva Kiir Mayardit, conhecido por certa falta de tato diplomático, ganhou proeminência. De acordo com o tratado, a lei islâmica passaria a valer somente para o norte, o sul teria autonomia por seis anos, seguido de um referendo pela independência do Sudão do Sul, entre outras medidas. O plebiscito, ocorrido em Janeiro de 2011, teve como resultado a vitória esmagadora nas urnas pela independência do Sudão do Sul, concretizada em nove de julho de 2011.

Essa breve passagem da história recente do Sudão, contada de forma bastante resumida nos parágrafos acima, é, na verdade, extremamente complexa. O autor tentará, enquanto narra a história de Kueth, explicar melhor as diferenças entre o norte de maioria islâmica e o sul de maioria animista e cristã, além das diferenças entre os vários grupos étnicos do sul, que resultariam neste estado conflituoso de meio século. Espera-se, que ao final, o leitor tenha uma compreensão básica sobre o Sudão moderno e os acontecimentos que acabaram por gerar o nascimento de mais um país, a República do Sudão do Sul.

2 - COMO SEIS MESES NA SOLITÁRIA GERARAM UM MINISTRO DAS FINANÇAS

Ao falar de seu pai, Kueth demonstra abertamente em palavras bem tecidas carinho e respeito a quem chama de “herói”. Em um ensaio que escreveu para um livro sobre a relação de pais e filhos¹⁴, Kueth descreve seu pai como “um homem sul-sudanês alto e forte, nascido nas margens do Rio Nilo, onde eventos históricos influenciaram a própria dinâmica cultural dos povos. [...] Sua pele macia, escura e refinada como um vaso de porcelana que atravessou firme o teste do tempo. Sua face revela os desgastes de uma vida preenchida pelo desejo por algo maior que si mesmo. Algo visto como inatingível pela maioria, um desejo por um mundo melhor, mais educado e tolerante”. A história de vida de seu pai, Michael Wal Duany Wunbil Urom, está diretamente ligada à história do Sudão do Sul. Ainda muito novo, enquanto destacava-se nos estudos, ansiava estudar medicina, sonho que abandonou devido às circunstâncias políticas que assolavam seu país. Aos 16 anos, quando a guerra civil já estourara na recém independente República do Sudão, fora preso, junto com outros colegas, por supostamente tentar agredir um professor. Após passar seis meses em confinamento solitário numa cela de menos de dois metros quadrados, decidira-se por abandonar o sonho de ser médico. Nas palavras de Kueth, aprendera “que o sofrimento de seu povo era mais severo que qualquer remédio poderia aliviar. Ele sabia que queria mudar as coisas e sabia que não poderia fazer isso no seu estado atual”.

No final dos anos 60, conseguira uma bolsa de estudos na famosa *Maxwell School of Public Affairs and Citizenship*, da Universidade de Syracuse, onde seu filho Kueth iria futuramente vestir a camisa laranja do time de basquete. Mas antes mesmo de rumar para os Estados Unidos, onde seria uma das principais figuras da diáspora sul-sudanesa, já era membro e um dos líderes do movimento *Anya-nya*, cuja luta contra o norte por autodeterminação fora fundamental para o Tratado de Adis Abeba, de 1972, que poria fim à guerra e resultaria na criação da Região Autônoma do Sudão do Sul, dentro do Sudão. Até 1983, Michael Wal Duany seria uma figura de destaque na política sul-sudanesa através de sua participação no Alto Conselho Executivo, primeiro como Ministro de Assuntos de Gabinete, depois como Ministro das Finanças e Presidente da Corporação de

¹⁴ *Fatherhood*, de Etan Thomas, ainda não foi lançado. Etan é jogador profissional de basquete e ativista político anti-guerra. Seu livro é focado na relação entre pais e filhos, e de acordo com o site do autor, contém “uma compilação de histórias emocionantes. Não importa sua raça, sua formação, seu nível de ensino, sua renda, você não resistirá à sabedoria e à mensagem sobre vida, amor e pais contida nessa coleção”. (2011).

Desenvolvimento Regional. Nas palavras do filho, “seu percurso de vida o levou do chão da prisão aos gabinetes presidenciais, a serviço de seu povo em cargos públicos”.

Porém, em 1983, quando Gaafar Nimeiry impôs a *sharia* e revogou a autonomia política e religiosa do sul, a guerra começaria mais uma vez, com sul-sudaneses de todas as etnias pegando em armas. Kueth reflete sobre esse período na vida de seu pai: “mais uma vez, a vida dele seria transformada por circunstâncias fora de seu controle. A diferença desta vez é que ele estava casado, com quatro filhos e outro a caminho. O que ele deveria fazer? Por muito tempo eu sentei e contemplei sobre o que meus pais estavam pensando durante esse tempo tumultuoso, quando houve um violento rompimento de suas vidas confortáveis. Meus pais poderiam ter mantido uma vida relativamente satisfatória em Cartum, ou no Leste Africano. Por que eles escolheram sacrificar tudo que conheciam para começar uma vida nova na América?” Kueth afirma que ter se tornado pai o ajudou a compreender a escolha. “Devido à guerra prolongada no Sudão do Sul, meu pai nos levou para os Estados Unidos para que pudéssemos ter uma oportunidade de nos dar bem na vida”. Porém, os caminhos de Kueth e seus irmãos não seriam facilitados pelo fato de estarem na “América”. Continua, “a vida que meus dois irmãos e duas irmãs foram capazes de levar nos Estados Unidos foi de começos humildes, questões de identidade, fracassos enormes, sucessos meteóricos, e uma dura lição sobre o que significa ser negro e um africano na América”.

Enquanto a infância de Kueth e a de seus irmãos seriam marcadas por essa condição de exilados em outro país, a de seu pai não poderia ser mais diferente. As margens do rio Nilo, que Kueth cita em seu ensaio, é mais especificamente a região do Alto Nilo, lar primordial do grupo étnico Nuer, ao qual pertence a família Duany. O grupo Nuer, que se autodenomina Nei Ti Naath (que pode ser traduzido como *povo original*) é uma confederação de tribos localizada no Sudão do Sul e no oeste da Etiópia. Coletivamente, formam um dos maiores grupos étnicos do Leste Africano. E.E. Evans-Pritchard, célebre antropólogo social inglês, passaria anos estudando as interações, costumes e ritos dos Nuer, as descrevendo em detalhes em mais de cinco obras lançadas entre 1940 e 1956¹⁵. Nesse período, ele descreve, através do olhar teórico do antropólogo social, o tempo dos avós de Kueth e da infância remota de Michael Wal Duany. De acordo com Jon D. Holtzman, em estudo sobre refugiados sudaneses no estado de Minnesota,

¹⁵ Entre as obras de Evans-Pritchard sobre os Nuer estão *The Nuer: A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People*, de 1940, *Kinship and Marriage Among the Nuer*, de 1951 e *Nuer Religion*, de 1956. Até hoje são citadas na academia como exemplos de uma Antropologia baseada na observação participativa e intenso trabalho de campo.

os centenas de Nuer que agora habitam Minnesota – e muitos mais em outras cidades do meio-oeste americano – são prova das mudanças dramáticas que ocorreram desde os tempos de Evans-Pritchard. Nem tudo mudou, porém, e muitos aspectos da cultura Nuer descritos nos anos 1930 permanecem importantes. As cabanas de palha nas quais Nyapen e Ganwar [a história deste casal é contada no livro de Holtzman] cresceram nos anos 1970 no meio de seu gado não diferiam muito daquelas do tempo de Evans-Pritchard, e antes da guerra, a vida permaneceu centrada na rotina diária do cultivo e da pecuária. (HOLTZMAN, 2000, p. 3).

Para se entender melhor o estilo de vida e de pensar dos ancestrais de Kueth, é indispensável falar da relação dos Nuer com o gado. Historicamente, toda a cultura Nuer gira em torno do gado. De acordo com Holtzman, que estudou a fundo os trabalhos de Evans-Pritchard e Sharon Hutchinson, outra proeminente estudiosa dos Nuer,

o gado é central para a vida econômica Nuer, ao providenciar leite, carne, peles e também esterco, usado como combustível. Ainda mais importante, o gado é o principal definidor das relações sociais. Ele pertence a uma família, mas ao mesmo tempo serve para amarrar uma rede de amizade mais ampla. As divisões tribais e de clã na organização política dos Nuer são em muito definida em termos do acesso a pastos e recursos de água necessários para seus rebanhos, e disputas entre subgrupos políticos frequentemente giram em torno do gado. (Id. Ibid, p. 4)

De acordo com Evans-Pritchard (1940b), todas as relações sociais envolviam de alguma forma central a troca de gado, direito por gado, ou fatores relacionados à necessidade da criação de gado, tanto que cita “seu idioma social é um idioma bovino” (p. 27). Nas palavras de Hutchinson, sobre o período de tempo da estadia de Evans-Pritchard na terra dos Nuer, “o gado e o povo são um”. (HUTCHINSON, 1996). Para se ter uma ideia melhor da importância do gado, basta considerar que a “cultura Nuer possui um rico vocabulário para distinguir entre o gado, com dez termos de cor, vinte e cinco termos para descrever padrões da pelagem, seis termos básicos para o formato dos chifres, e muitos outros para discutir o sexo e idade do animal” (HUTCHINSON, 1996). Além do mais,

muitos estrangeiros, incluindo aqueles com os quais os Nuer nunca fizeram comércio ou guerra, são chamados de *Bar*, que significa ‘quase inteiramente sem gado’. Aqueles estrangeiros que moram mais longe ainda, incluindo os europeus, são chamados de *Jur*, o que significa ‘inteiramente sem gado’. (EVANS-PRITCHARD, 1940a)

Um viajante estrangeiro, *Jur* como Evans-Pritchard nos anos 30, ao passar pelas terras dos antepassados de Kueth, nas cercanias do Alto Nilo e atual estado de Jonglei,

fronteira com a Etiópia, veria uma terra plana, com vegetação baixa, característica da região, e muito boi. Veria o *Sudd*, maior área pantanosa do mundo, onde o Nilo Branco perde muito de sua água, para depois percorrer algumas densas florestas tropicais, e que pode ser considerado a barreira geográfica que separou historicamente o norte “árabe” do sul “africano”¹⁶. Se também porventura estivesse acostumado ao clima do norte europeu, sentiria muito calor, independente da época do ano, e se passasse por uma área povoada, veria bem-estruturadas cabanas de palha, feitas num formato de oca, e veria homens altos, “de pela macia, escura e refinada como um vaso de porcelana”, vestidas apenas com adereços, a cuidar do gado; as mulheres a preparar a janta e crianças a fazer coisas de criança. Se passasse em noite cerimonial, escutaria muita música, vozes intercaladas de homens, mulheres e crianças a entoar cânticos na língua-mãe. Se, como Evans-Pritchard, parasse para tentar compreender a lógica política por trás da organização das casas, se depararia com uma sociedade altamente complexa. Politicamente,

os Nuer são organizados em clãs e linhagens patrilineares, grupos de pessoas ligados por descendência putativa ou real de um ancestral masculino comum. Esses clãs e linhagens [...] podem ter direitos, como uma unidade corporativa, a fontes ou pastagens e podem estar associados à área particular onde vivem. Esses grupos podem ser imaginados como árvores genealógicas, que podem ser divididas em muitos diferentes galhos ou segmentos. Por exemplo, seu avô pode ser considerado o fundador de uma linhagem enquanto todos os seus filhos (seu pai e tios) podem ser fundadores de sub-linhagens dentro dela. Esse sistema é capaz de fundir um amplo número de pessoas em um sistema único e coeso, fazendo com que todos os Nuer possam ser encaixados em uma única genealogia. (HOLTZMAN, 2000, p. 5)

Essa linhagem segmentária ajuda a explicar, de acordo com os antropólogos, como uma sociedade sem Estado é capaz de movimentar um amplo número de pessoas para a guerra. Os Nuer sempre tiveram reputação de bons guerreiros. Além de guerrear para roubo de rebanhos ou para fins expansionistas, na captura de novas pastagens, os Nuer foram um dos poucos grupos étnicos a resistir com sucesso às ondas de ocupação estrangeira, primeiro turca, depois egípcia e inglesa. Esse espírito guerreiro, aliado à singular forma de interação social e organização política descentralizada, ajuda um pouco a explicar o espírito de revolta do jovem Michael Wal Duany, quando de sua prisão. Não fazia parte de um grupo étnico

¹⁶ O terreno pantanoso do Sudd serviria historicamente como uma barreira natural entre norte e sul do Sudão. A própria palavra *Saad* é árabe para “barreira”. Apenas em 1904, quando expedições para “varrer” o Sudd abriram caminho entre norte e sul, as relações entre as regiões passariam a se intensificar.

sujeito ao domínio, e essa força de resistência seria fundamental nos mais de 50 anos de luta após a independência do Sudão em 1956.

Sua feroz resistência ao domínio estrangeiro foi um dos fatores que intensificou a ruptura entre os Nuer e seus vizinhos Dinka, os dois grupos de maior população do Sudão do Sul e com as mesmas raízes históricas. Evans-Pritchard, ao analisar a relação entre os grupos, afirma que os Nuer eram capazes de usar o gado Dinka como recurso emergencial, e que os ataques dos Nuer contra os Dinka eram regulares e remunerativos. O padrão é um no qual os Nuer dominam e expandem, e os Dinka são expropriados e desaparecem (EVANS-PRITCHARD, 1940b). Porém, de acordo com a tradição Nuer e Atuot, os dois povos, juntos com os Dinka, possuem uma origem comum na Nuerland Ocidental. Os três teriam se separado por causa de disputas de propriedade de gado. De acordo com uma das variantes de seus mitos de origem, Nuer e Dinka eram filhos do mesmo homem, que havia prometido que daria uma vaca a Dinka e um jovem bezerro a Nuer. Usando de astúcia e inteligência, Dinka teria enganado seu pai e tomou o bezerro ao invés da vaca, provocando o desprezo perpétuo dos Nuer pelos Dinka até hoje. Além da consistente tradição oral indicando essas origens comuns, os grupos possuem a mesma raiz lingüística nilótica¹⁷. Estudos etnológicos propõem que a migração dos Nuer para o leste teria se dado há 200 anos e nesse processo de expansão, eles forçaram os Anuak a migrar mais para o leste, adentrando a Etiópia.

No início do século, “a política colonial inglesa na região visava fixar fronteiras entre os Nuer e os Dinka, efetivamente impedindo um processo dinâmico de mudança cultural que estava se desdobrando há séculos” (JOK, 2002). Nos anos 20, quando ingleses tentavam impor sua típica forma de governo indireto no Sudão do Sul, enfrentaram muitas dificuldades, especialmente com os Nuer. De acordo com Robert O. Collins,

os Nuer não apenas eram mais esquivos que os Dinka, desaparecendo nos grandes pântanos do Sudd, ou, quando ameaçados, sumindo através da fronteira com a Etiópia, mas eles não tinham chefes, seus profetas atraindo um grande número de seguidores para assaltar os Dinka, agora sujeitos pagadores de impostos, por gado e mulheres, desafiando a autoridade do governo do Sudão. (COLLINS, 2008, p. 43).

Os ingleses ainda tentariam patrocinar invasões Dinka na terra dos Nuer, para tentar resolver o problema, porém sem sucesso.

Muitos anos após a independência e já no decorrer da segunda guerra civil sudanesa (de 1983-2005), diversos grupos étnicos do Sudão do Sul iriam se reunir para combater um

¹⁷ Mais especificamente, os Dinka e Nuer fazem parte do grupo lingüístico Nilótico Ocidental.

inimigo comum. Porém, mesmo assim, um dos aspectos que influenciaram em muito os caminhos da guerra foi a diversidade de interesses de grupos e partidos da região. Muitos conflitos internos irromperam no decorrer da guerra, e o pai de Kueth teve papel fundamental não só na dissidência política, mas como agente de paz entre grupos étnicos, especificamente como um dos líderes do partido SSLM (*South Sudan Liberation Movement*¹⁸), e como relator da Conferência de Paz Nuer-Dinka, promovida na cidade de Wunlit e patrocinada pela NSCC (*New Sudan Council of Churches*¹⁹). De acordo com estudo de Elijah Brown (2008), “após o acordo na Convenção Watt, o NSCC ajudou a formar o SSLM, sob a liderança de Wal Duany, que havia sido facilitador na Conferência de Paz de Akobo e um dos principais organizadores da NSCC em Wunlit. O propósito do SSLM era encorajar o diálogo entre facções militares, facilitar a paz e união política e apoiar o princípio de auto-determinação sulina através da iniciativa de paz da Autoridade Intergovernamental em Desenvolvimento (IGAD), o principal veículo da mediação de paz entre Governo do Sudão e SPLM.” Porém, o autor tece também críticas ao pai de Kueth. Em suas palavras, “o SSLM deteriorou rapidamente em outra facção militar rival envolvida em abuso de direitos humanos. A ‘transformação de Wal Duany de pacificador a líder de facção’ pôs em perigo a neutralidade da NSCC e abriu caminho para intensas críticas da liderança da SPLM”. (BROWN, 2008, p. 187) Portanto, o papel polêmico da participação de Michael Wal Duany na história do Sudão do Sul é, na visão do autor, interessante objeto para futuros estudos.

Apesar da fascinante biografia de Michael Wal Duany, entremeada intrinsecamente à história do Sudão do Sul, não constituir o foco principal desse trabalho, sua presença se fará sentir no texto, enquanto o autor narra acontecimentos da história do Sudão em paralelo (ou, nesse caso, num entrecruzamento perpendicular) à história de Kueth. Afinal, não é apenas aos olhos do filho que o pai é considerado um herói. Em análise sobre os potenciais heróis nacionais a constar nos livros didáticos do novo Sudão do Sul, Michael Wal Duany é lembrado por seu papel de liderança durante os anos de atividade do Alto Conselho Executivo²⁰.

¹⁸ Movimento pela Libertação do Sudão do Sul

¹⁹ Conselho de Igrejas do Novo Sudão

²⁰ Em artigo publicado nos jornais Bor Globe Network, South Sudan News Agency e The Nigerian Daily, PaanLuel Wel (2011) faz uma lista, percorrendo a história do sul sudanês, desde o período de ocupação britânica, da longa guerra de libertação até os dias de hoje, citando dez grupos de candidatos à herói nacional. A lista é peculiar por reunir inimigos internos e considerar a importância de um variado grupo de pessoas, representando variados interesses, mas cujo papel na história da nação a se inventar foi de suma importância.

3 - REDEMOINHOS DE AREIA E FUGAS ARRISCADAS

Antes da grande viagem para outro continente, havia a avó. E havia redemoinhos de areia. Existe um período da infância remota no qual as memórias se limitam a algumas passageiras imagens, uma sensação, o som de vozes de criança gritando “*shatan, shatan!*” e fugindo dos pequenos redemoinhos de areia causados por fortes lufadas de vento que por vezes passavam por aquele terreno plano e pantanoso de Jonglei. A mais antiga memória de Kueth é de sua avó; dele, bem pequeno, no seu colo, perguntando coisas sobre a vida e ouvindo as respostas sábias da anciã. Queria saber o que eram aqueles redemoinhos de areia, se eram ou não o “diabo”, como as pessoas os chamavam. Aquele fenômeno natural típico da região ficaria registrado na mente do homem que iria crescer em outro continente como a imagem do lar, da natureza e dos amigos convivendo num mundo muito próximo dela e de seus fenômenos.

A memória às vezes nos prega peças, mas algumas coisas permanecem, mesmo de tempos bem remotos da experiência de um indivíduo. Kueth se lembra das crianças afugentadas pelo diabo de areia e lembra “especificamente de perguntar à sua avó porque o diabo vem aqui para perseguir todas as crianças?”. A resposta da avó era de que o diabo não estava ali para perseguir crianças. O redemoinho que na memória de Kueth o liga em essência às crianças de sua infância remota, bem poderia ser uma metáfora das invasões estrangeiras naquela terra Nuer; o diabo, a afugentar as criancinhas e atear fogo às cabanas de palha. Milhares de crianças sul-sudanesas tiveram que fugir rumo ao refúgio das fronteiras com Etiópia, Quênia e Uganda desses redemoinhos de areia vestidos com uniformes do exército ou de guerrilhas.

Essas crianças fugitivas da guerra virariam símbolo da luta sul-sudanesa por autonomia. Chamados de “garotos perdidos do Sudão”, muitas de suas histórias foram muito bem retratadas em livros e documentários²¹. Kueth lembra a importância que esses refugiados de guerra iriam ter na sua vida de recém-adulto, e enfatiza o nome que lhes foi dado pelas circunstâncias históricas, o “exército vermelho”, formado por “crianças soldados treinados na Etiópia sob os auspícios do Primeiro Ministro Mengistu e que viriam a lutar bravamente em território sudanês”. Membro do exército vermelho, Joseph Garang Deng explica sobre o surgimento do nome, e um pouco sobre a gênese do grupo. Ele cita, em artigo publicado no site oficial do governo do Sudão do Sul, que “apesar do nome Exército Vermelho ter sido

²¹ Para uma lista recheada desses livros e filmes, basta o leitor acessar a página dos *Lost Boys of Sudan* na Wikipédia.

adaptado de um pano de fundo socialista, ele continuou a existir mesmo após a mudança de paradigma”. (2011). John Garang, líder do SPLM/A havia dito em 1991, em pronunciamento na cidade de Kapoeta, que “o socialismo chegou ao fim; Eu e meu movimento, o SPLM/A, nos juntamos aos ventos políticos que está mudando o mundo e soprando para o Oeste”. Segue Deng, “a continuidade do nome ‘exército vermelho’ mesmo após a mudança de foco do movimento para o capitalismo seria uma indicação de que o Exército Vermelho do SPLM/A não era puramente uma extensão do tipo socialista, mas tinha seus próprios propósitos e objetivos a atingir”. (DENG, 2011).

Pode se imaginar esse “grande rebanho de gente inocente”, nas palavras de Said, a atravessar trechos quilométricos e adentrar em território etíope; crianças extremamente desnutridas, abrigadas em campos de refugiados e alimentados, para depois serem educados e treinados para lutar em seu país. Já o êxodo da família Duany se deu em outras condições. Ministro das Finanças quando da aplicação da lei islâmica por Gaafar Nimeiry em 1983, Michael Wal Duany seria novamente encarcerado, de novo por resistir a mudanças que sufocariam por completo a autonomia sulina. Kueth e seus três irmãos ficaram praticamente em cárcere privado junto com a mãe Julia, que na época estava grávida do caçula Bil. Relata Kueth que “após algum tempo, meu pai foi solto da prisão e, como muitos de seus colegas, sua vida política estava acabada. [...] Algumas lideranças juntaram-se nas matas e pegaram em armas; outros foram e receberam diplomas universitários e se tornaram defensores dos guerreiros nas matas”. Kueth continua, dizendo que os membros da geração de seu pai, em sua maioria, se tornaram defensores internacionais, na tentativa de influenciar governos estrangeiros, organizações de direitos humanos e a comunidade internacional a abrir os olhos para as condições no Sudão do Sul. É nesse contexto que Michael Wal Duany foi aceito na Universidade de Indiana para completar seu doutorado. O governo de Cartum lhe deu anistia para sair do país, mas sua família foi obrigada a permanecer, numa tentativa do governo de controlá-lo com a ameaça da segurança de sua família.

Portanto, não seria fácil a fuga. O tio de Kueth, atual porta-voz do Governo do Sudão do Sul, na época residia em Londres, onde praticava medicina, ajudou a elaborar um plano para levar a família ao exterior. O plano consistia em dizer que Julia estava tendo complicações na gravidez e precisava de atenção médica, que era insuficiente no Sudão. Nas palavras de Kueth,

Pela graça de Deus, o Governo do Sudão permitiu que a família inteira viajasse para Londres [...] e nossa família inteira, uma jovem mãe grávida de nove meses que não falava nada de Inglês, com quatro crianças entre sete e três anos de idade, embarcaram em um avião ao Reino Unido, escapando

uma vida de aprisionamento e opressão, rumo à oportunidade desconhecida do Oeste.

Na época apenas uma criança de quatro anos de idade, Kueth lembra “a noite tensa quando viajamos porque eu lembro a expressão da minha mãe como uma expressão de medo, mas determinação, tentando segurar as mãos de todos ao mesmo tempo”. Bil nasceria poucas semanas depois em um hospital de Londres. E alguns meses depois, a família rumaria para sua nova vida em Bloomington.

4 - OUTONO NO MEIO-OESTE E JOGANDO BASQUETE NAS QUADRAS DO COLÉGIO

A época de mudança de estações em Bloomington, quando da chegada do outono, como em toda a região meio-oeste dos Estados Unidos, é um período de frio e folhas multicoloridas. As memórias mais antigas de Kueth deste período são recheadas de “pinheiros e outras árvores, cujas folhas caíam e mudavam cores de um verde vivo a um marrom, laranja, vermelho e depois púrpura”. Um cenário que não poderia divergir mais da vegetação naquela Jonglei dos redemoinhos de areia. Outra lembrança que marcou aquele jovem Kueth e reside ainda hoje na memória do adulto diz respeito a um feriado tipicamente americano, e que marca esse período de mudança de cores, o *Halloween*. Deve ter sido muito impressionante para aquele jovem sul-sudanês, como o foi para o autor quando criança, tomar parte nos estranhos rituais do dia das bruxas. “*Halloween* era um prazer para as crianças porque todo mundo se vestia com fantasias de vampiro, fantasma e gnomos, atravessando a vizinhança pedindo ‘doces ou travessuras’, para ver as pessoas naquela casa específica nos dar doces. Era uma época verdadeiramente bela do ano”.

Quando as mudanças ocorrem na infância remota, facilita-se a adaptação a um novo modo de vida. Para Kueth, apesar de a barreira lingüística ser uma questão complicada nos primeiros meses, não tardou para que ele e seus irmãos se “americanizassem”. No princípio, os irmãos Duany se mantiveram como um grupo bem próximo, sem se afastarem muito uns dos outros, mas após aprenderem a língua, passaram a adotar os novos modos de vida e atitudes dos americanos. O fato de viverem em um prédio com certa diversidade étnica e conviverem com outras crianças estrangeiras ajudou na adaptação, mas a diferença física dele e seus irmãos para com os demais americanos ou estrangeiros - por maior que fosse a gama de tons de pele representados no *Tulip Tree* – seria fonte de sérios problemas de identidade na adolescência. Ao autor, cuja convivência com Kueth como vizinho de prédio e estudante da mesma escola de nível primário se deu nesse período da infância à pré-adolescência, não restam lembranças de dificuldades de convívio com as “pessoas diferentes” que habitavam aquele novo mundo. Quem sabe o fato de as crianças serem quase naturalmente inclinadas a aceitarem e abraçarem o próximo, apesar das diferenças, seja um motivo de otimismo por um futuro mais fraternal.

Porém, as crianças crescem e se tornam adolescentes, e então começam a surgir os problemas, o que pode causar um imenso pessimismo em relação àquele futuro mais fraternal.

Kueth faz uma interessante análise sobre os problemas que teve para ser aceito numa cultura historicamente marcada pela segregação racial. Diz,

a parte mais difícil é quando você está na adolescência e você percebe que é diferente, especialmente na aparência. É mais fácil para alguns assimilar porque possuem uma compleição mais clara, às vezes branca, ou são de cor marrom e podem ser vistos como afro-americanos. Eu vim do Sudão do Sul, somos o povo de pele mais escura no mundo e somos incomparáveis à grande maioria de pessoas nos Estados Unidos.

O leitor que, mais curioso, resolver pesquisar os atributos físicos da família Duany, dos Nuer do Sudão do Sul, se deparará com um povo com a pele, nas palavras de Kueth, “*ultra black*”, e também extremamente alto. Considerado por muitos como o povo com a maior média de altura do mundo, esse atributo especial dos Nuer seria outro fator formador da identidade de Kueth. Ajudado pela altura incrível que seus genes lhe conferira, Kueth encontraria seu espaço nas quadras de basquete e passaria a ser aceito “não como o garoto negro alto, ou como o garoto africano, mas como Kueth Duany, o excelente jogador de basquete que um dia poderia jogar na NBA”.

Foi, portanto, através do esporte que aquele garoto africano encontrou seu lar. Não sabiam Wal e Julia Duany, quando de seu êxodo para os Estados Unidos, que estavam a levar a família para a Meca do basquete no país, o estado de Indiana, terra dos *hoosiers*, que toda temporada de basquete universitário, colegial ou profissional, mergulhava no que passaram a chamar de “*Hoosier Hysteria*”, termo cunhado para ilustrar o excitamento da população local com seus times de basquete, principalmente de nível colegial. E é justamente nas quadras de basquete da *Bloomington North High School*, que começaria a ascensão meteórica de Kueth rumo a uma carreira profissional de jogador de basquete. Mas antes de entrar para o time do colégio, Kueth desenvolvera suas habilidades justamente na quadra no pátio do *Tulip Tree*, onde garotos de todas as idades se mesclavam para matar seu tempo disponível de jovens em partidas emocionantes de basquete. Duany, o irmão mais velho de Kueth, acabara de ser aceito no prestigioso programa de basquete da Universidade de Wisconsin, quando Kueth entrara para o time do colégio. Enquanto crescia nas quadras, a guerra continuava rugindo na sua terra natal.

Em 1997, a equipe de basquete de Kueth Duany se tornaria campeã estadual em Indiana, erguendo o troféu cobiçado por centenas de colégios espalhados por esse estado tão apaixonado pelo esporte. Alguns anos antes, em 1994, aos 14 anos de idade, Kueth começara a criar uma consciência maior sobre os acontecimentos que assolavam seu país, graças à

insistência de seus pais. Sobre esse olhar ao distante lar primordial em guerra, Kueth lembra que,

enquanto ficávamos mais velhos, participávamos das discussões e nossos pais nos faziam perguntas para desafiar nossa capacidade mental e para que aprendêssemos. [...] Em 1994, meus pais lançaram sua organização não-governamental, *South Sudan Friends International* (SSFI), que foi estabelecida para promover a construção de paz e autodeterminação. Após sua formação, a organização, que focava na construção de paz *grassroots*²², passou a exigir que meus pais passassem o máximo de tempo possível nas bases, conversando com as pessoas e trazendo ideias diferentes (religiosas, sócio-econômicas, de governança) à mesa para discutir as diferenças através do diálogo ao invés de pelo cano de uma Kalashnikov.

Portanto, enquanto estudava no ensino médio e buscava aperfeiçoar seu basquete, Kueth, junto com os irmãos, ajudava, à distância, no esforço de guerra. As crianças teriam seu papel no processo, “ao ajudar a enviar solicitações de correio, produzir vídeos e viajar com os pais por igrejas ao redor do país para vê-los falar sobre o conflito no Sudão”. Falando um pouco sobre a participação de seu pai na guerra, “logo, meu pai passou a ter um papel mais intrincado no movimento rebelde e lutaria por justiça, já que todos os meios pacíficos eram inatingíveis”. Essa participação direta no conflito de certa forma afastaria o pai dos filhos, ao menos fisicamente. Mesmo que essa distância fosse constantemente questionada pelos filhos e suas saudades, eles “sabiam no coração que o que ele estava fazendo era correto”. A guerra e a participação direta dos pais nela também ajudariam a desenvolver em Kueth e seus irmãos um agudo olhar crítico. “Enquanto crianças, ao questionarmos o que estavam nos dizendo, conseqüentemente aprendíamos sobre o conflito e começávamos a ter nossas próprias respostas sobre nossa realidade”.

Em 1999, enquanto Michael Wal Duany fundava o SSLM, seria oferecida a Kueth uma bolsa de estudos para jogar na Universidade de Syracuse, a mesma em que seu pai se formara 30 anos atrás. Parece que os laços da família Duany com a universidade gerariam frutos proveitosos para ambos. O pai se tornaria um dos líderes de seu povo na luta pela libertação de mãos opressoras, e o filho seria capitão do primeiro time da Universidade de Syracuse a vencer o campeonato nacional universitário²³. Erguer a taça nacional tornaria Kueth uma celebridade nos Estados Unidos, o que o fez se engajar ainda mais diretamente no

²² A expressão *grassroots* pode ser traduzida livremente como “de base” ou “popular”. No caso, trata-se de um processo de construção de paz baseado em ações locais nos lugares de conflito.

²³ Apesar de ser considerada uma universidade proeminente no basquete, Syracuse nunca havia sido campeã nacional, tendo inclusive perdido o título nacional de 1987 na final contra a Universidade de Indiana, localizada em Bloomington. Como que por uma dessas ironias do destino, um dos “filhos” mais famosos de Bloomington ergueria a taça pelo Syracuse em 2003.

esforço de guerra, tendo a oportunidade de ajudar a causa palestrando sobre o conflito. Graças à fama adquirida nas quadras, Kueth teria a chance de falar em “programas de rádio, Igrejas, conferências e escolas, em qualquer oportunidade que [lhe] era dada”.

5 – UMA BREVE PASSAGEM PELA HISTÓRIA MODERNA DO SUDÃO, COM FOCO PARA AS RELAÇÕES NORTE-SUL

Provavelmente, as palestras de Kueth proferidas nas escolas e igrejas começavam com uma breve introdução da cultura de seus ancestrais e de como resistiram durante anos a invasões estrangeiras no século XX. Porém, guardava seu tempo para falar sobre a posição do sul sudanês no decorrer dos conflitos na região. Geralmente são citados três fatores principais que acabaram por eclodir as guerras civis no Sudão. O primeiro fator, não em ordem de importância, envolve questões de diferença étnica e religiosa. Historicamente, o norte do Sudão sempre teve um vínculo muito forte com o Egito, e uma população de maioria esmagadora árabe e islâmica; enquanto o sul se caracterizava por um povo altamente ligado à suas raízes africanas e maioria praticante de religiões animistas ou de um sincrético cristianismo. Outros fatores, porém, podem ser considerados até mais importantes, como a preferência econômica ao norte e imposição do norte de formas administrativas contrárias ao desejo de autonomia do sul. Além do mais, em 1980 o governo sudanês, em parceria com a Chevron, começaria a investir na exploração de petróleo na região sul de Kordofan, Petróleo esse que “seria encanado por 900 milhas até Port Sudan e para os mercados internacionais.” (COLLINS, 2008, p. 123), sem o consentimento do Alto Conselho Executivo do sul. Porém, a mídia americana iria divulgar o projeto “amplamente através da Voz da América; o sul explodindo em protestos” (Id. Ibid. Op. Cit.).

Para se ter uma ideia das origens históricas das guerras civis no Sudão, é necessário fazer pelo menos uma pequena passagem pela história moderna do Sudão. Não entremos aqui nas origens dos povos Kush ou da Núbia, para que não haja tantas digressões. O Sudão, enquanto país, na sua manifestação moderna, surge no norte, em 1820, quando da expansão do império otomano no Egito. Muhammad Ali, Vice-Rei Turco do sultão Otomano em Istambul, “havia estabelecido seu controle incontestado, pessoal e autônomo do Egito, e estava livre para conquistar o Sudão e adquirir recrutas escravos para seu exército e ouro para seu tesouro. (COLLINS, 2008. p. 10). O período “turco” no Sudão duraria até 1885, o sul sendo diversas vezes invadido para captura de escravos. Entre 1885 e 1899, o Sudão estaria nas mãos do *mahdi*, Muhammad Ahmad ibn ‘Abdallah. O período “mahdista” do Sudão, entre 1885 e 1899, assim como o período “turco” e o período do Condomínio Anglo-Egípcio, não é o foco principal deste trabalho. Porém, ao leitor curioso, vale uma breve introdução.

Nas palavras de Robert O. Collins, “clérigos e *fakis*, que tinham uma profunda influência entre os sudaneses rurais, e membros das irmandades *sufi* no Sudão haviam

deplorado por muito tempo o estado do Islã, principalmente o Islã ortodoxo introduzido pelos turcos, que eles consideravam heresia.” (Id. Ibid. p. 21) Nesse período de disputas locais, a partir dos finais de 1870, surgiria o *mahdi*, palavra que significa “o guiado”, que, após ouvir as palavras do Profeta, partira a desafiar os poderes estabelecidos. Devido a seu imenso carisma e nos ventos da insatisfação generalizada da população, ele conseguira tomar o poder no Sudão. Morreria seis meses depois de atingir seu objetivo, mas seus sucessores conseguiram manter-se no poder até o fim do século XIX.

A chegada do novo século veria uma participação maior dos ingleses em negócios sudaneses. A conquista dos territórios que haviam sido perdidos para os mahdistas abria caminho para um novo período da história do Sudão, do Condomínio Anglo-Egípcio. Aos ingleses, primeiro interessava manter controle sobre as águas do Nilo, o que logo conseguiram. Porém, não podiam simplesmente ocupar a região, e tiveram que estabelecer um contrato de “dupla ocupação” na região. Durante esse período de administração inglês-egípcia pode-se encontrar as raízes dos futuros confrontos civis. De acordo com Collins, em relação ao sul sudanês,

os britânicos estavam determinados a auxiliar missionários cristãos e virar o jogo contra o Islã que se aproximava. Em 1922, o governo promulgou a Ordenança de Passaportes e Permissões, que declarava grande parte do sul como Distrito Fechado, assim excluindo os mais efetivos proselitistas do Islã, os mercadores *jallaba*. No mesmo ano, os britânicos estabeleceram [...] instituições rudimentares para excluir os muçulmanos e o Islã da região Sul, enquanto isolavam os sulistas no que alguns críticos desdenhosamente chamavam de ‘zoológico antropológico’, e que ficou conhecido como Política do Sul”. (COLLINS, 2008, p. 42)

Essa separação forçada do sul e norte, além de cortar laços estabelecidos historicamente, abriu ainda mais a rachadura entre norte e sul. Como que disposto a causar problemas, os britânicos, ao deixarem o país, apoiaram a constituição de um país único, englobando norte e sul. Porém, as novas instituições ficariam nas mãos do norte de maioria árabe e islâmica, renegando o sul “a catar as migalhas”. Portanto, antes mesmo da proclamação da independência em 1956, com uma solução de dois Estados descartada pelo poder em transição, a insatisfação já gerava mortes e feridos. O exemplo mais famoso desse conflito pré-independência se deu na região mais ao sul do país, em Torit, no Estado de Equatoria, quando, em 1955, “336 mortes foram contadas, sendo 261 de sudaneses do norte” (Id. Ibid. p, 67). Os conflitos ocorreram não apenas devido a diferenças étnicas, mas em muito por causa dessa pouca participação política dos sulinos nas decisões tomadas pelo Governo do

Sudão. Outro fator que contribuiu foi a insistência dos governantes do norte de tentar “arabizar” o sul através de políticas públicas, como a adoção do árabe como língua obrigatória nas escolas. Nas palavras de Kueth, “os povos da região sul não se consideravam árabes nem um pouco, mas acreditavam fortemente na sua africanidade e em laços milenares construídos de solidariedade com a região do Leste Africano (Etiópia, Quênia, Uganda) e agarravam-se firmemente a seus modos tradicionais de vida. Devido à essa mudança política no Norte, os sulinos se rebelaram e começaram a sua batalha por auto-determinação”. Batalha essa que duraria mais meio século, com um breve período de paz entre 1972 e 1983, quando o pai de Kueth ocupara seu lugar nos gabinetes do Alto Conselho Executivo do Sul.

A segunda guerra civil sul-sudanesa, que iria expulsar a família Duany de casa, de modo dramático, explodiria com a imposição da lei islâmica em todo o território sudanês, como já descrito anteriormente no decorrer do texto. Mas também cabe falar um pouco do tratado de paz que começava a se desenhar no Sudão quando Kueth, já formado pela Universidade de Syracuse, rumaria para uma carreira internacional de jogador de basquete²⁴. O Tratado Compreensivo de Paz, assinado em 2005 pelo Governo do Sudão e o SPLM, englobaria vários fatores visando a paz na região, o principal deles referente a um plebiscito a ser realizado em 2011 no sul do Sudão para definir se a região permaneceria parte do Sudão ou se tornaria um país independente. Com vitória esmagadora nas urnas, nasceu oficialmente no dia 9 de Julho de 2011, a República do Sudão do Sul. Porém, nasce um novo país com imensos problemas estruturais, já pertencentes à lista dos países mais pobres do mundo. Perguntado sobre o futuro de sua nova nação, Kueth se diz otimista.

A independência foi conquistada e batalhada pelo povo. A comunidade internacional não apoiou a independência até que ela se tornou inevitável. O povo do Sudão do Sul é extremamente resistente; mesmo que a governança e o desenvolvimento sejam difíceis. O povo tem os recursos para lutar pelo desenvolvimento com a mesma tenacidade e resiliência que trouxe à tona nossa independência

Desde sua infância em Bloomington, quando brincava com os vizinhos no pátio do *Tulip Tree*, ou enquanto tornava-se um excelente jogador de basquete, Kueth era lembrado de sua responsabilidade com a “casa de seus pais”. Hoje, adulto e, aos olhos daqueles americanos que tanto estranharam e prejudicaram seu físico distinto, é um bem-sucedido e famoso morador de Nova Iorque, onde trabalha na *Sports Revolution Scouting Service*, tentando encontrar

²⁴ Kueth atuou em equipes da Alemanha, Finlândia, Estados Unidos e pela seleção nacional da Indonésia em abril de 2007, convidado por amigos para defender a seleção, apesar de Kueth não ter nenhum laço familiar com esse país.

atletas na África para atuarem mundo afora. Sua família continua envolvida nos acontecimentos do Sudão do Sul. Um primo, Ger Duany, prepara-se para lançar um filme sobre sua história de vida desde um campo de refugiados no Quênia até a tornar-se modelo nos Estados Unidos. Sua mãe, Julia Duany, cujas poucas aparições no texto não correspondem à sua importância na vida de Kueth e seu país, é figura proeminente nos debates sobre paz e gênero no Sudão do Sul. Nok, a irmã menor, casou-se em 2010 em cerimônia pomposa em Juba, e os irmãos trabalham nos seus campos, todos ainda muito unidos, quase como naqueles idos de 1984 em Bloomington. Fazem parte de uma diáspora que volta ao lar. Em suas palavras:

Temos uma diáspora educada que está voltando ao país e agora é sua responsabilidade levar o conhecimento que ela obteve, fora do país, para casa, para trabalhar de mãos dadas com aqueles guerreiros que carregaram as armas por todos esses anos

O que será do Sudão do Sul é uma incógnita, visto que o país já nasce com problemas, não só no estabelecimento de uma fronteira com o Sudão, mas também com fortes divergências internas. Criar uma nação que represente a diversidade de povos do Sudão do Sul é um problema e tanto, como pode ser visto na maioria dos países africanos no período pós-colonial, e espera-se que um país recém saído de uma guerra civil não recaia em outra. E em um país com riquíssimos recursos naturais, espera-se também que as elites locais, assim como o imperialismo estrangeiro, na forma das multinacionais petrolíferas ocidentais, ou do governo chinês sempre em busca de mais recursos, não suguem as riquezas locais, enquanto o povo passa fome. Se depender da vontade de Kueth e seus irmãos, o futuro é belo para um dos povos mais altos do mundo.

REFERÊNCIAS

- APPIAH, Kwame Anthony. **Na Casa de Meu Pai**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BONIS, Gabriel. **Proteção sob o sol do Brasil**. *Carta Capital*, n. 652, v. XX. São Paulo: Editora Confiança, 2011.
- BROWN, Elijah M. **The Road to Peace: The Role of the Southern Sudanese Church in Communal Stabilisation and National Resolution**. Edinburgh: The University of Edinburgh, 2008.
- BUSH, Barbara. **Imperialism and Postcolonialism** (History: Concepts, Theories and Practice). EUA: Longmans, 2006.
- COLLINS, Robert. **A History of Modern Sudan**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- DENG, Joseph Garang. **The SPLM/A Red Army: genesis, perception, stages, objectives and achievements**. Government of the Republic of South Sudan. 2011. Disponível em: <<http://www.goss-online.org/magnoliaPublic/en/news/press.html/>>. Acesso em: 13 nov. 2011.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. **A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People**. Oxford: Clarendon Press, 1940a.
- _____. **The Nuer of the Southern Sudan**. In *African Political Systems*. London: Oxford University Press, 1940b.
- GALLAGHER, Ronald; ROBINSON, John. **The Imperialism of Free Trade**. *The Economic History Review*, v. 6, 1953.
- GOD Grew Tired of Us. Direção: Christopher Dillon Quinn. Silver Nitrate Pictures: 2006. 89 min
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2004
- _____. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era do Império**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOBSON, John A. **Imperialism, a Study**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1902.
- HOLTZMAN, Jon D. **Nuer Journeys, Nuer Lives: Sudanese Refugees in Minnesota**. Needham Heights: Allyn & Bacon, 2000.
- HUTCHINSON, Sharon. **Nuer Dilemmas**, Berkley: University of Califórnia Press. 1996.
- JOK MADUK JOK, **Nuer**, in *Encyclopedia of World Cultures. Supplement*, 2002. Disponível em: <<http://www.encyclopedia.com/topic/Nuer.aspx>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

McEVOY, Claire; LeBRUN, Emile. **Uncertain Future: Armed Violence in Southern Sudan.** HSBA Working Paper N. 20. Abril 2010

O'BALLANCE, Edgar. **The Secret War in the Sudan: 1955-1972.** London: Faber and Faber, 1977.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Reflexões sobre o exílio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros: A reflexão francesa sobre a diversidade humana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

WEL, PaanLuel. **The Martyr's Day: Who are the South Sudanese's National Heroes and Heroines?** 2011. Disponível em <<http://www.borglobe.com/25.html?m7:post=the-martyrs-day-who-are-the-south-sudanese-national-heroes-and-heroines>>. Acesso em 05 nov. 2011

WIKIPÉDIA. **Lost Boys of Sudan.** 2011. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Lost_boys_of_sudan>. Acesso em: 13 nov. 2011.

YOUNG, Robert. **Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race.** London: Routledge. 1995.

MAPAS E FOTOGRAFIAS

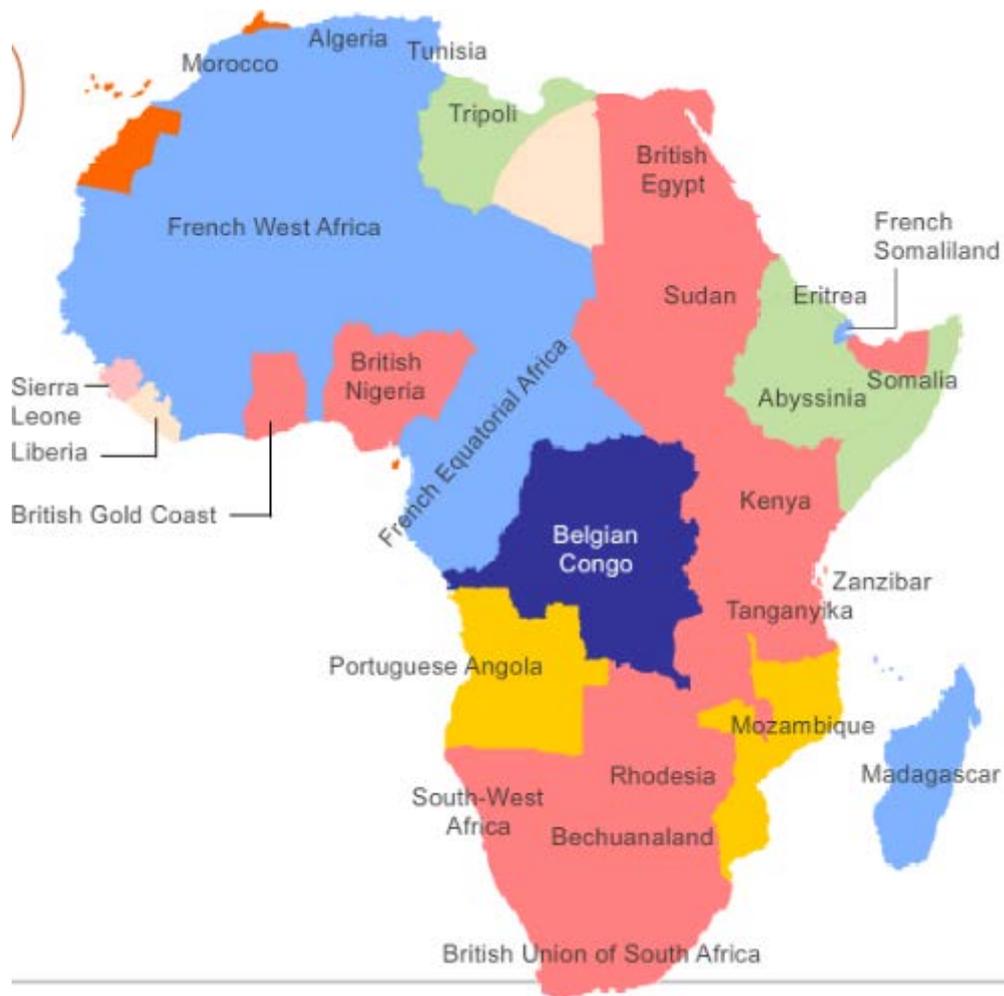


Mapa político da África

Extraído de (<http://winteryknight.files.wordpress.com/2011/07/africa-map.png?w=400&h=380>)



**Mapa da África com a República do Sudão do Sul destacada em vermelho.
Extraído de (<http://nds-nl.wikipedia.org/wiki>)**



Mapa retratando os anos 1920-40 da ocupação europeia da África; destaque para o alcance do Império Britânico no continente.

Extraído de (<http://humanosphere.kplu.org/2011/07/interactive-map-political-history-of-africa>)



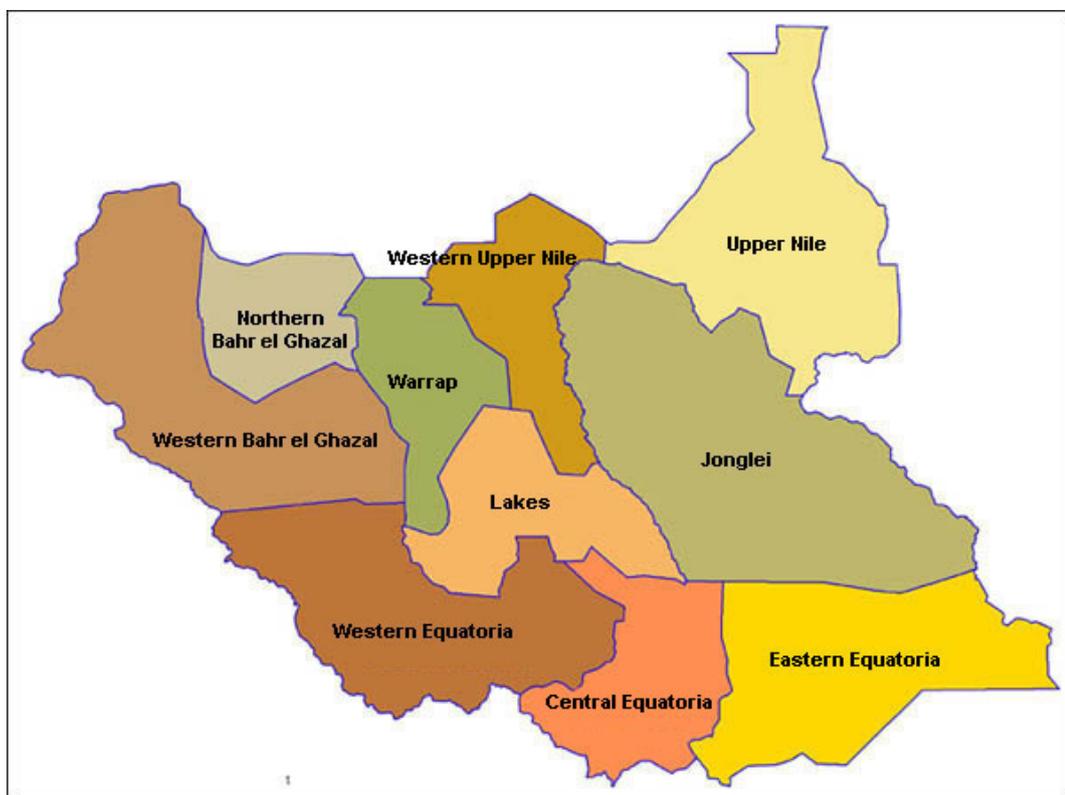
Mapa do Sudão pré-independência do Sudão do Sul, com a velha divisão dos estados e as principais cidades

Extraído de (<http://nickbaines.files.wordpress.com/2011/06/sudan-map.jpg>)



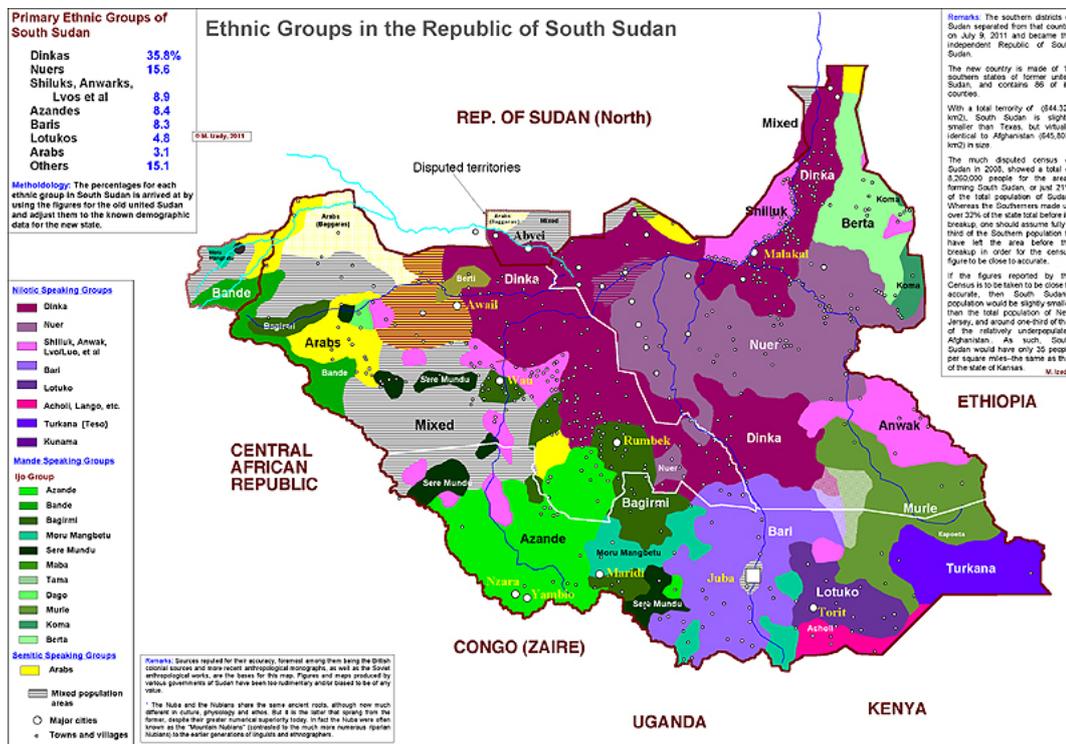
Mapa demonstrando as regiões do Alto Nilo, Equatoria e Bahr El Ghazal

Extraído de: (<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/43/SouthSudanStates.svg/450px-SouthSudanStates.svg.png>)



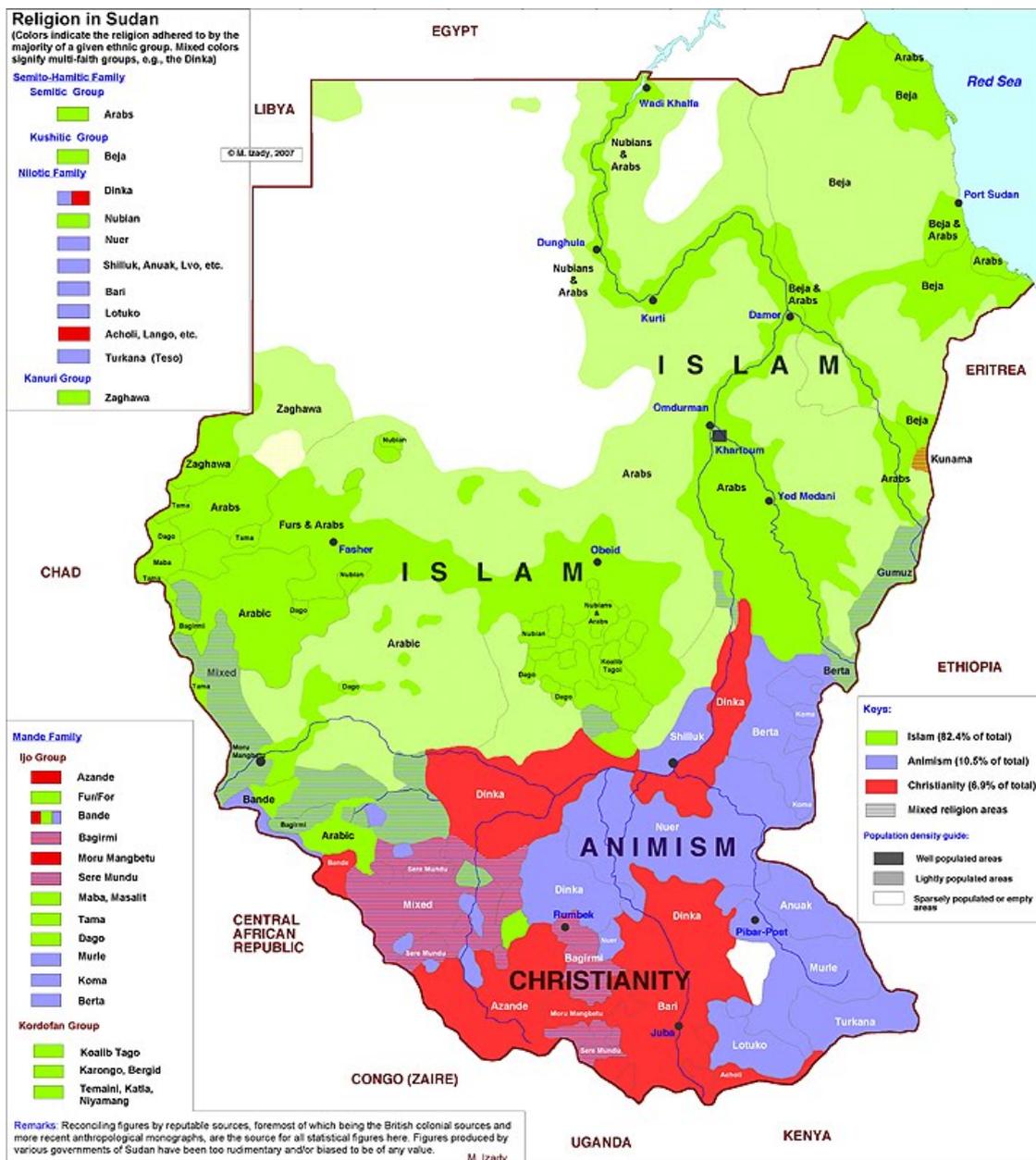
Mapa político do Sudão do Sul.

Extraído de (http://en.wikipedia.org/wiki/South_sudan)



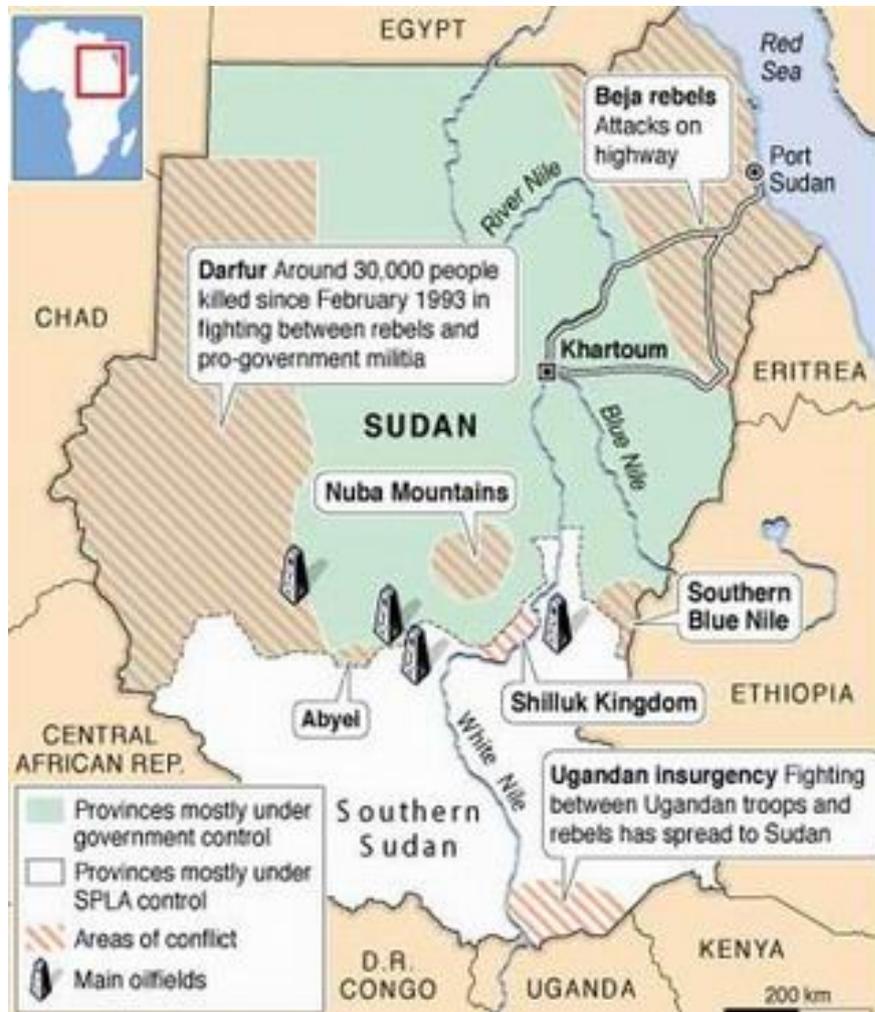
Grupos Étnicos no Sudão do Sul

(extraído de <http://gulf2000.columbia.edu/maps.shtml>)



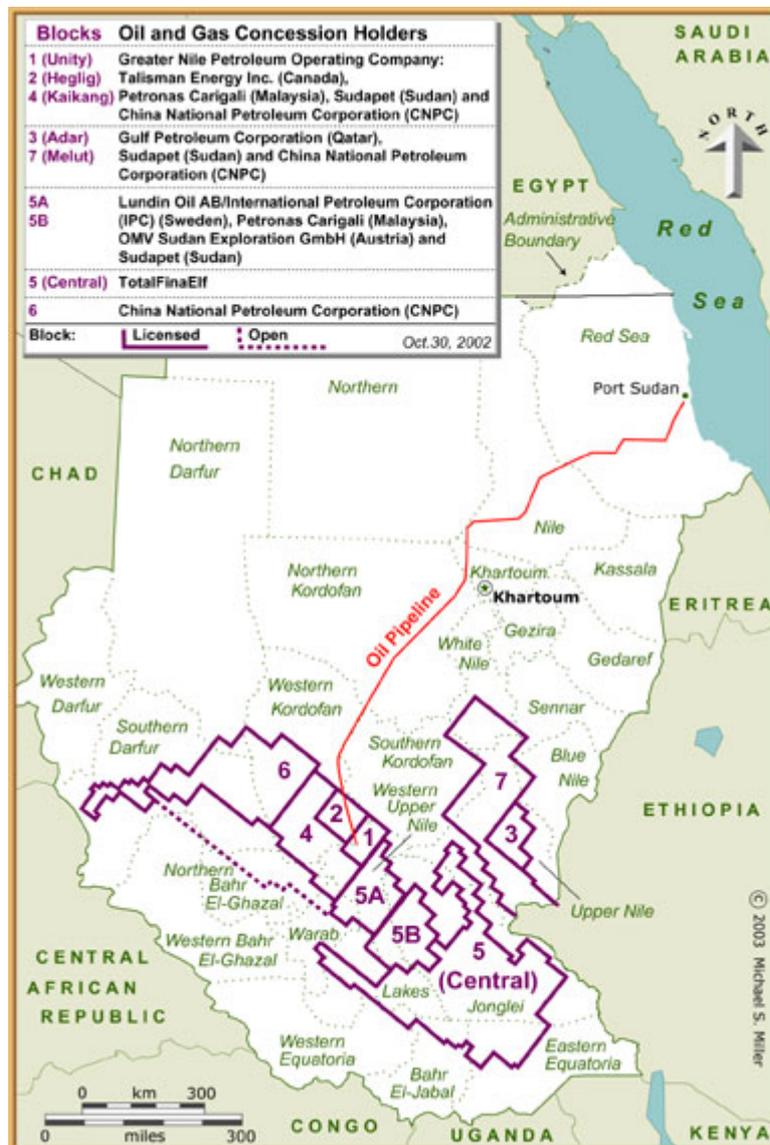
Religião no Sudão do Sul

Extraído de (http://southsudaninfo.net/wp-content/uploads/reference_library/maps/map_sudan_religion.jpg)

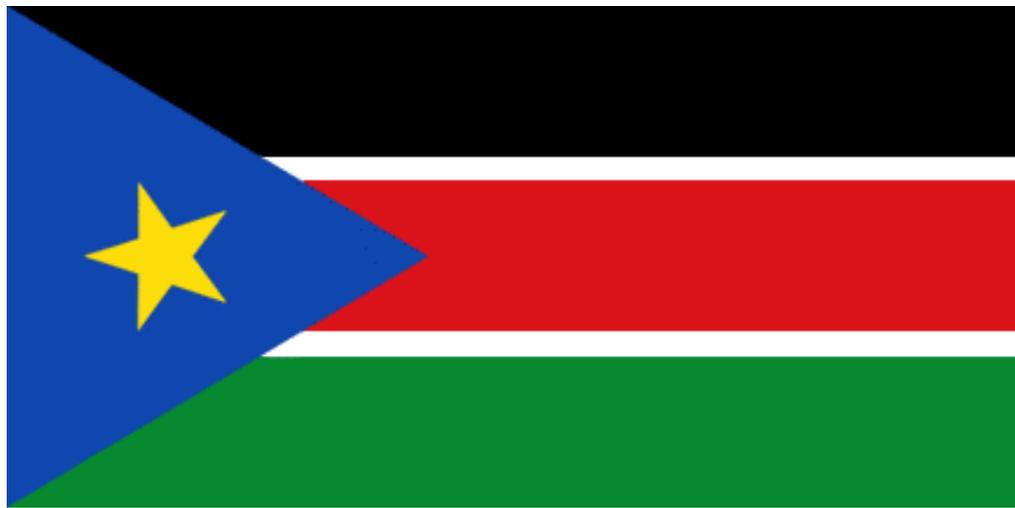


Mapa demonstrando conflitos em andamento no Sudão e Sudão do Sul

Extraído de: (<http://www.dismalworld.com/im/disputes/conflict-in-sudan-2.jpg>)



Mapa demonstrando as concessões de petróleo e gás natural no Sudão (2003)
 Extraído de (http://www.rightsmaps.com/images/concessions_102002.jpg)



Bandeira da República do Sudão do Sul. Preto representa a identidade do povo, a estrela dourada sobre o fundo azul representa o Rio Nilo, vermelho representa o sangue derramado durante a guerra civil e verde o potencial agrícola do país.

Fonte: (<http://allafrica.com/stories/200501100007.html>)

Extraído de (<http://flagspot.net./images/s/ss.gif>)



Brasão da República do Sudão do Sul. De acordo com o Governo do Sudão do Sul, o passário é uma guia-pesqueira-africana, comum na região. Simboliza visão, força, determinação e majestade. O escudo e as lanças simbolizam a resolução do povo de proteger a soberania da república

Extraído de (<http://flagspot.net./images/s/ss%29.gif>)



Os Nuer, na época de Evans-Pritchard, c. 1930

Extraído de (<http://southernsudan.prm.ox.ac.uk/>)



A família Duany quando de sua chegada em Bloomington em 1984. Pai Michael Wal, Mãe Julia e filhos Duany, Nok, Kueth e Nyagon. Bil no colo.

Fonte: Família Duany



Família Duany quando do casamento de Nok, em Juba, 2010. Kueth é o primeiro em cima, da esquerda para direita

Fonte: Família Duany



Kueth ao lado de Carmelo Anthony, nos tempos do Syracuse em 2003

Extraído de (http://blog.syracuse.com/today/2009/03/smb_090331_dn_duany-melo.jpg)



Kueth em cerimônia com George W. Bush, em 2003. Capitão do time, teria a incômoda tarefa de apertar a mão do presidente

Extraído de (http://www.cobrabrigade.com/assets_c/2008/05/kueth-thumb-300x343.jpg)



Kueth atuando no Pyrinto, da Finlândia, em 2005

Fonte: Kueth Duany

CRONOLOGIA

Segue abaixo uma breve cronologia da história moderna do Sudão:

1821 – O Sudão é conquistado pelo Vicerrei Turco do Império Otomano, Muhammad ‘Ali

1885 – Inicia-se o período *mahdista* do Sudão, após a derrubada dos turcos pelo *mahdi* ‘Abdallahi ibn Muhammad Turshain

1899 – Fim do período *mahdista*, ocupação britânica através do Condomínio Anglo-Egípcio.

1904 – O *sudd* torna-se navegável após expedições para “varrer” o grande pântano

1930 – Já está bem estabelecida a britânica Política do Sul, com Governo Indireto, Distritos Fechados e Inglês como língua oficial

1955 – Massacre de Torit, em Equatoria

1956 – Independência do Sudão

1964 – Golpe de Estado de Ibrahim Abboud. Seu governo não duraria um ano devido à insatisfação popular

1969 – Através de outro golpe de Estado, assume a presidência Gaafar Nimeiry

1971 – Golpe de Estado comunista fracassa e Nimeiry ganha incontestemente apoio popular para permanecer no poder

1972 – Tratado de Adis-Abeba põe fim às disputas norte-sul. Forma-se o Alto Conselho Executivo do Sul

1976 – Outro golpe de Estado, planejado pela Líbia e com a conivência da URSS e da Etiópia fracassa. Nimeiry começa a tender a um islamismo mais radical

1983 – Impõe-se a lei islâmica em todo o território, imediatamente iniciando a Segunda Guerra Civil Sudanesa

1985 – Nimeiry é deposto em golpe. Abdel Rahman Swar AL-Dahab assume o poder

1989 – Golpe de Estado de Omar Al-Bashir causa o fim das negociações de paz entre o governo sudanês e os rebeldes do sul

1999 – Divergências internas entre facções no sul causam conflitos étnicos na região. As disputas só seriam resolvidas na Conferência de Paz de Wunlit

2005 – Assina-se o Tratado Compreensivo de Paz, terminando a guerra civil e estabelecendo um governo autônomo no Sul.

2011 – Após vitória esmagadora em plebiscito em Janeiro, nasce em nove de Julho mais um país, a República do Sudão do Sul

ANEXOS

Ensaio de Kueth Duany para o livro *Fatherhood* 04/22/2009

As far back as I can remember my father was my hero, Dr. Michael Wal Duany Wunbil Urom has always been big to me. Not just big in the sense of size but huge as in larger than life. A tall, strong Southern Sudanese man born off the banks of the Nile River; where historical events have influenced the cultural dynamics of the people themselves. A man whose appearance can tell you everything you need to know about the man if you look close enough. His skin, smooth, dark, and refined like a porcelain vase that has stood firm through the test of time. His face shows the wear and tear of a lifetime filled with the desire for something greater than himself. Something viewed as unattainable by most, a desire for a better world more educated and tolerant. The gray stretch of hair that forms a horseshoe shaped pattern around the top and side of his head represents the deep wisdom of the man. He rarely speaks but his soft-spoken voice only emits shrewd and educated commentary when necessary. I have always admired his ability to be appropriate. Advice was given never in a demeaning fashion but with a touch of civility that provided the tools to figure ones way of the current state of affairs.

My father has a PhD in Political Science and Public Policy from Indiana University. This accomplishment is significant due to the fact that he grew up in a time and place where peace was an absent commodity. His story is truly compelling. When he was young, he had ambitions of studying medicine. He was excelling at the top of his class in secondary school (high school), well read and regarded as extremely bright. Unfortunately, he grew up in a time of political turmoil and many were swept into the fray.

The British colonialists that governed the Sudan had departed and the Sudan was regarded as independent. Regrettably, the southern region which was populated with a majority of Christian and traditional believers were neglected in the decision-making and political power was transferred to the Islamist North. Needless to say civil war broke out. War in his homeland would be the one invariable in his life.

At age 16, my father and five of his classmates were arrested, allegedly conspiring to harm one of their teachers. In all the political turmoil the government was cracking down on any southerners whom seemed disobedient or disloyal to the status quo. They were jailed, beaten, tortured, and their young lives full of such promise taken away by hearsay. My father was identified as the ringleader and remained imprisoned in a concrete cell, 4 x 6 ft, in solitary confinement. That was his home for the next 6 months. To this day, he has not seen one of his six fellow that were arrested. He no longer wanted to be a doctor of medicine. In that diminutive cell the decision was made for him. The plight of his people was more severe than any medicine could alleviate. He knew he wanted to change the way things were and he knew he could not do that in his current state.

Charles DuBois poetically stated, "the important thing is this: to be able at any moment to sacrifice what we are for what we could become. " The words are eloquently placed and the act is truly revolutionary. Regrettably, how many will ever be tested to such an extent and not revert to our own habitual ways. My hero answered Mr. Dubois call. The journey of his life henceforth was an adventure to say the least.

My father's ethnic group is the *Lou Nuer*, a people from the Greater Upper Nile Region of Southern Sudan. It is a region in the world where its involvement in history is evident in all of our holy texts (Torah, Bible, and Q'aran). For instance, in the bible Isaiah 18 Verse 2 refers to this region as:

*which sends envoys by sea
in papyrus boats over the water.
Go, swift messengers,
to a people tall and smooth-skinned,
to a people feared far and wide,
an aggressive nation of strange speech,
whose land is divided by rivers.*

The kingdoms that were birthed from this region of Africa, historically, have been recognized for their unending contributions to the progress of mankind. The ancient Egyptian Kingdom was divided into two kingdoms. Kemit was upper Egypt, Cush was lower Egypt, which is proven to be the Sudan. Merowe, Napath, Nubia, Axum (Ethiopia) with its links to Solomon and Sheba, are all historically part of the Nilotic kingdoms.

Etymologically, the terms Nilotic and Nilote (also spelled Nilot) derive from the Nile Valley, specifically the Upper Nile and its tributaries, where most Sudanese Nilo-Saharan-speaking people live. This impressive history of the region is the backdrop to my father's story. He was raised completely different than I was. My father came up in a time when the traditions were fully respected and the individuals held utmost respect to these values. The Nuer followed a concept of God (*kuoth*) "as the source of creation...fundamental to the understanding of the institution arrangement among the Nuer. Concepts of egalitarianism, decisions by

consensus, the belief in Kuoth (spirits), the role of religious leaders, the importance of rituals, and covenantal concept of life were central to the way peace would have to be obtained.” (*Evans Pritchard, Nuer Religions*)

This upbringing did not allow him to waiver when difficult circumstances may deter what he envisioned was his right. Late 1960’s and early 1970’s my father earned himself an academic scholarship to Syracuse University. He went on to study at the prestigious *Maxwell School of Public Affairs and Citizenship*, consistently ranked the #1 School for political science and public policy in the United States.

During his personal walk of self-determination, Southern Sudan was fighting for its own right and self-determination. The first civil war in the Sudan began prior to independence and was led by the Anya-anya movement that signed Addis Ababa Agreement in 1972. My father was one of the leaders of the movement and after the agreement was signed he held many positions in the regional government from Minister of Cabinet Affairs, Minister of Finance, and Chairman of the Regional Development Corporation. His life-walk took him from prison floors to presidential offices and serving his people in public office.

In 1983, the President of the Republic of Sudan, Nimeri announced Sha’ria law in all of Sudan and in one full swoop politicians, educators, civil servants all whom were not Muslim became second-class citizens. My father was part of the latter group and was imprisoned for obvious reasons pertaining to his non-muslim spiritual beliefs. Soon after the announcement the second civil war in Sudan began and Southerners from all regions chose to pick up arms in order to be recognized and not dictated. Once again, my father’s life was transformed by circumstances that were beyond his control. The difference this time was he was married and had four children and one on the way. What was he to do? I have sat and contemplated about what my parents were thinking during this tumultuous time when there was massive disruption of their comfortable life.

My parents could have maintained a relatively content life in Khartoum, Sudan or in East Africa. Why did they choose to sacrifice and leave everything they knew to start a new life in America? As a father today, I am better able to answer that question.

Due to the prolonged war in Southern Sudan my father moved us to the United States in order for us to get an opportunity to succeed in life. The life my two brothers and two sisters were able to lead in the United States was of humble beginnings, identity issues, massive failures, meteoritic successes, and a hard lesson of what it means to be black and an African in America.

We were very young when we traveled to the states, my eldest brother, Duany Duany, well known in the college basketball world for his double name, was eight, my elder sister, Nyagon, today a surgeon in Washington DC was seven, I was four, my sister Nok was three, and Bil was only a few months old. The states gave us two wonderful gifts that will be with us for the rest of our lives, education and basketball.

We have attended such historic educational institutions as Georgetown University, Indiana Univeristy, Bradley University, Syracuse University, Eastern Illinois and have attained two PhD’s, one medical doctor, three Masters Degrees, four NCAA tournament appearances, two final fours, and one National Championship.

We were raised in the heartland of Bloomington, Indiana. My father and mother were both working to finish their doctorates at Indiana University. Although, we grew up in a typical American city, acted typically American, and spoke Midwestern English, we were not given the opportunity to forget where we came from and what our responsibilities to our homeland were. My father was always saying, “someday the war will be over and we must go back and help build our nation.” As young children that does not mean much but over the long run it helped shape and mould us.

Our household was run in a typical Southern Sudanese fashion. When guests would come over tea or water was served to them, Sudanese images covered the walls, and the house would smell of Sudanese spices and sauces.

We held family meetings in order to discuss major decisions that would affect the family. In this arena, we were given the opportunity to voice our opinion, articulate our position, and have input into the decisions that were made. It was always important for my father that we be able to articulate our thoughts, ideas, passions, and desires in a public setting. We were not raised to keep secrets and backbite, we were taught to be upfront and honest with people. America gave us wonderful opportunities, but I am thankful that our home was typically Sudanese.

My elder brother had early successes as a basketball player in Bloomington, but ran into some cultural difficulties in dealing with the Head Coach. In Southern Sudanese culture, when an elder is speaking to you it is disrespectful to stare in his eyes. We were taught in order to show respect you give your elder your ear so he knows your listening. Well, this cultural principle goes against everything that is taught in the US, it is actually disrespectful to put your head down and give your ear. The coach believed that Duany was not listening to him and went as far as calling my father in order to talk about his stubborn son. He questioned, “why doesn’t your son look me in the eyes when I’m talking to him, I can’t seem to get across to him, he’s not listening.” Part of my admiration of my father lies in his ability to be appropriate, instead of defending his son, he simply enlightened the coach on cultural diversity and that just because the approach is different does not mean the approach is wrong. The Head Coach of the Bloomington North High School basketball team, Tom McKinney went on to coach all three of Dr. Wal’s sons and was able to win a state title and has been named to the Indiana

Basketball Hall of Fame. To this day he will give credit to Dr. Wal Duany for not only producing athletically gifted sons but individuals that were of strong character that helped him build a culture of winning and tolerance that inspired the whole city.

Sports became a vehicle for us to reach our individual goals, as well as gratify our parents vision of their children attaining advanced degrees. Never did my father's insistence on good grades falter regardless of the amount of successes athletically by all five children. The Duany children are the only family in US history to have all five kids attain full-athletic scholarships for basketball and graduate. The priority remained education first. This lesson came extremely early for myself. When I was in the third grade, my report card came in with a few C's just from a lack of effort. So that year my parents took away my ability to play basketball in an organized setting until my grades improved. Needless to say that my grades never faltered again. This attention to detail was problematic for me as a youngster, I remember my parents reading a short story that I had written for a class. The teacher complained of my handwriting saying that it was small and difficult to read in red ink on the top of my document. My father stressed to me the importance of the ability to write and was unrelenting that I work on it as much as I like to play basketball. So that weekend instead of enjoying my days on the black top, I was handwriting Bill Cosby's autobiography in order to improve my scripting ability.

My father's influence in my life has only become stronger since I have married and become a father. First, as a man I have never seen my father disrespect my mother in anyway shape or form. If my father was the king of the household than my mother was the foundation with which the house was built. He taught me to respect women by his actions. We never had lessons of the birds and the bees, he showed me how to love my wife everyday by what he did, not by mere words. The word "love" was rarely used if ever used in our household, you never heard someone saying, "I love you." For us, love is how you treat one another and in the daily actions and intentions you put forth. My daughter will learn how a man should treat her based on how I treat her mother. Her image of men will be heavily influenced on our relationship. I have learned lessons of the importance of knowing who you are and where you come from. I take shaping my daughters identity and instilling confidence in herself very seriously, so that regardless of where she ends up, she knows she always has a home and a people.

My father gave up a comfortable life for himself and my mother in order for us to get an education that allows us to compete anywhere, I will do all in my capabilities in order to have my daughter educated. Paying attention to detail in her daily successes and failures in order to prepare her for a better future for herself. Education empowers.

My father was able to travel on a path that had no directions in a world that was not fair and built a successful legacy. He set an emblazoned path for my brothers, sisters, and my daughter to follow in order achieve in this life. What is hero if not that?

**Respostas de Kueth Duany às perguntas elaboradas pelo autor
10/11/2011**

- 1) Could you please tell me about your family origins?

My family originates from the Lou Nuer ethnic group, located in the eastern border of South Sudan bordering Ethiopia, which is now Jonglei State of the Republic of South Sudan.

The Nuer are the second largest ethnic group in South Sudan and is a cross border group stretching into Ethiopia. It is traditionally a pastoralist society; the Nuer base their economy and traditions on cattle. The Nuer are considered to be some of the tallest people in the world.

- 2) Do you have any memories of living in (the now defunct) Sudan before going to the USA? if so, can you describe them?

Yes, however, very few due to the war that made myself a refugee at a very young age of four.

My fondest memories revolve around my relationship with my grandmother. I remember at a very young age sitting with her and asking her questions about the environment. One particular is about the small dust tornadoes that are created by large gusts of wind; children in the area would always runaway from such things shouting and screaming "shatan, shatan," which in Arabic is "Satan, Satan." I remember specifically asking her this question and why is that the devil comes here to chase all the kids? I remember her telling me that the devil is not here to chase children...

- 3) How do you remember the process of having to leave Sudan, due to the war?

To put my families exodus out of Sudan in a historical context is important because of the dramatic political changes that were happening in the country. In September 1983 in Sudan, the Government of the Sudan, unilaterally adopted Sh'aria law (Islamic Law) as the laws of the land, in essence making all whom were not Muslim second-class citizens. At least this is how it was viewed in the Southern region of the country which had in 1972 signed the Addis Ababa Peace Agreement after a prolonged war between the years 1956 -1972. The peace agreement gave the Southern region self-governance due to the cultural and religious differences in the country. The religious difference between the North and South stark; the Southerners were mainly Christians or held traditional beliefs while the North was almost majority Muslim. There was also a cultural and identity issue which also differentiated the populace even more so. In the North the ruling class considered themselves of Arab descent and looked to forge relationships with Egypt and the Middle East. The Southern region did not in the slightest bit consider themselves Arabs but believed strongly in their Africaness and built solidarity with the East African region (Ethiopia, Kenya, Uganda) and held strongly to their traditional way of lives. Due to this political shift in the North, Southerners rebelled and began a struggle for self-determination.

My father at the time of the announcement was a Minister of Finance in regional government. As many of the leaders in South at the time, he was arrested and imprisoned as a political prisoner due to his objection of the new policies. Our family was basically placed under house arrest and not allowed to leave the country. After some time, my father was released from imprisonment and just like many of his colleagues, political life was over and all were no rebels. Some of the leadership joined the bush and went and picked up arms; others went and received higher education and became advocates for the warriors in the bush. My fathers generation, veterans of the first war, mainly became the advocates internationally to influence foreign governments, human rights organizations, and the international community of the plight of South Sudan. My father was accepted into a PhD program at Indiana University; an influential program that was host to many future African leaders. He was given amnesty to leave the country but the Khartoum government did not allow his family to travel with him in order to control him by the threat of his families' safety. During this time my mother was pregnant with my youngest brother, Bil. So my mothers brother, a medical doctor, and the current Government of South Sudan Spokesperson and Minister of Information and Broadcasting concocted a plan to state that my mother was suffering from pregnancy complications needed special medical attention that was not offered in Sudan. Through Gods Grace the Government of Sudan allowed the entire family to travel to London, where my mothers brother practiced medicine, and our entire family, a nine month pregnant young mother who spoke no English with four children between the ages of seven to three boarded a flight to the United Kingdom escaping a life of imprisonment and oppression to an unknown opportunity in the West. I remember the tense evening when we traveled because I remember my mothers face being one of fear but determination in trying to hold all of our

hands at the same time. My mother gave birth to a ten-pound baby boy a few weeks later in a hospital in London; and than a few months later we traveled to our new life in Bloomington, Indiana.

- 4) How was your arrival in the US, as a child? how did you cope with the cultural differences and how were you inserted in an "american way of life", if so?

Exciting initially, I remember how cold Bloomington, Indiana was and the changing of the seasons. My earliest memories were of the pine trees and others shedding and changing colors from a lively green to brown, orange, red, and purple which was celebrated by the holiday of Halloween. Halloween was a pleasure for kids because we would all dress up in costumes of ghouls, ghost, and goblins going around our neighborhood asking "trick or treat," in which the people at that particular home would than give us treats. It was a truly beautiful time of the year.

American culture is hegemonic in a sense that as soon as you arrive in the country you are constantly being influenced and bombarded through television, movies, radio, music, and the people. And soon you come to the realization that if you do not adopt the culture you are thrown into a vicious circle of those who are "teased" and made to feel abnormal. The language barrier was an issue for us the first few months; my brothers and sisters remained a tight knit group and did not stray far from each other. Soon after we learned the language and before you know it we became "Americanized." Americanized to us meant that you have basically adopted the lifestyle, vernacular, attitude, and ways of those who are born and raised in America.

As a child in America, the assimilation process happens very easily. The most difficult time comes in the teenage years when you realize that you are different and especially in appearance. It is easier for some to assimilate because they are of a lighter complexion, and sometimes white, or they are brown skinned and can be perceived to be an African American. I come from South Sudan, we are the darkest skinned people in the world and are unique from many people in the states.

- 5) As you were growing up in Bloomington, how did you perceive the History that was unfolding in your homeland?

Although American culture is hegemonic; life in our home was pretty much as any South Sudanese home would have been. Good home cooked meals for dinner and completed with a family discussion on current events. Unlike other American homes we discussed what was happening politically back home; in the early days it would be my parents discussing it back and forth with whatever guest we welcomed into our home that night. My father spoke with much optimism that the war would be over soon and we would all return back to Sudan to our normal lives. I do not think he would have predicted a prolonged guerrilla war that would last 22 years claiming 2.5 million lives and displacing countless others to the far reaches of the earth.

As we got older we participated in the discussions and would be asked questions that would challenge our mental capacity in order to learn. In 1994, my parents launched their non-governmental organizations, South Sudan Friends International (SSFI), it was established to promote grassroots peace building and self-reliance. Since forming the organization and focusing on grassroots peace building; the organization required my parents to spend as much time as possible on the ground talking to the people and bringing different sides (religious, tribal, socio-economic, government) to the table to discuss their differences by dialogue rather than by the Kalashnikov (AK-47).

We (children) played an intricate role in helping mail solicitations, produce video, and travel with our parents to churches around the country to watch them talk about our conflict back home in Sudan. Soon enough my father began to play a more intricate role in the rebel movement and fight for justice since all the peaceful means were unattainable. This forced him away from us and sometimes we questioned why is our father not home; in our hearts we knew he was doing what he felt was right. As children by questioning what we were told we subsequently learned more about the conflict and began to seek our own answers about our reality.

- 6) As you grew older, how did you feel about living in the US (totally integrated, partially integrated...) and did you have any troubles with identity during this process?
- Yes, definitely suffered from identity issues.
 - African-American in the literal sense but not viewed the same by the local
 - I related to the African American experience in the sense that we were the have-nots and we are in a struggle to change that reality. Mine more so in a global context but it framed a lot of my thinking with influence from Martin Luther King Jr., Malcolm X, Marcus Garvey, etc.
 - Basketball is the outlet that allowed me to fit in. I was really good at it and it gravitated people towards me in a positive way. I was not the big black kid or the African kid, I was Kueth Duany the really good basketball player who could someday play in the NBA.

- Internally I always felt different because of the complexion of my skin; it is ultra black and very different from African Americans and of course white Americans. I had to become calloused to ignorant insults from both blacks and whites who could not understand why my skin was so black. As I grew older I realized the African American experience was extremely complicated and it was a system (Willie Lynch Letter) that was implemented to divide the black from the lighter skinned; to view the blacker ones as field slaves and to view the lighter ones as good enough to be house slaves. I knew it was of ignorance and nothing else, I grew to love my complexion and promote it as the purist form.
 -
- 7) As an adult, how did you take part in the events in South Sudan? did you have contact with other refugees in the US? if so, can you describe this contact?

Sports provided a platform that allowed me to speak about the conflict. I would do radio shows, speak about the conflict in Churches, conferences, schools, any really any opportunity provided me.

- Yes, I had many contacts with many refugees, many that became tagged the “lost boys.” In Sudan we call them the “Red Army.” Child soldiers that were trained in Ethiopia, under the rule of Prime Minister Mengistu, and fought bravely in Sudan.
- Many of these boys became men in the struggle and some became refugees after the ouster of Mengistu from Ethiopia. Many had to go to refugee camps. In these refugee camps many began to be repatriated all over the world. Some moved to Syracuse, New York where I played basketball.
- I invited many of them to my house for dinners, to basketball practice and to many games. They became very good friends of mine and I joined them in their next struggle in life and that was to fit into an American culture that was extremely complicated for many of them. They all positively affected my life and challenged me to go back home.

8) considering the situation today, how do you feel about the present and future of South Sudan?

Optimistic, independence was earned and fought for the by the people. International community did not support the independence until it was inevitable. The people of South Sudan are extremely resilient; even though governing and development are difficult. The people have the wherewithal to fight for development with the same tenacity and resilience which brought about our independence.

We have an educated diaspora that is returning to the country and it is now their responsibility to bring the knowledge which they gained outside back home to work hand in hand with the warriors who carried the guns for all these years.